



Câmara Municipal

COMISSÃO DE JUSTIÇA E REDAÇÃO

Projeto de Lei nº 026/2020 – Do Executivo – Dispõe sobre a instituição do ano de fundação do Município de São João da Boa Vista.

Sendo assim, por ser legal e regimental, somos de parecer favorável à sua apreciação pelo Plenário.

PARECER FAVORÁVEL.

Plenário Dr. Durval Nicolau, 16 de março de 2020.

PATRÍCIA MAGALHÃES TEIXEIRA NOGUEIRA MOLLO

RUI NOVA ONDA

GÉRSON ARAÚJO



PREFEITURA MUNICIPAL

SÃO JOÃO DA BOA VISTA

Estado de São Paulo

12 de março de 2.020

PREFEITO MUNICIPAL

Encaminho a Vossa Excelência o Projeto de Lei

Projeto de Lei nº 026/2020

Of. GAB 121/2020

Senhor Presidente:

Que é de inteiro teor o Projeto de Lei

Art. 2º - Tudo o que é de competência do Poder Executivo e Judiciário, do Município de São João da Boa Vista, que não for de competência da União, do Estado de São Paulo, ou de outra entidade, é de competência da Câmara Municipal, no que

Estamos encaminhando a Vossa Excelência para apreciação dos Senhores Vereadores, o incluso Projeto de Lei que dispõe sobre a instituição do ano de fundação do Município de São João da Boa Vista.

Renovamos os protestos de estima e consideração.

VANDERLEI BORGES DE CARVALHO

Prefeito Municipal

23/03/2020

APROVADO EM
SEGUNDA DISCUSSÃO

PRESIDENTE

Exmo. Sr. Vereador

ANTONIO APARECIDO DA SILVA
Presidente da Câmara Municipal
NESTA.

CAMARA MUNICIPAL DE SAO JOAO

PROTOCOLO DE ENTRADA

Sequência: 176 / 2020 Data/Hora: 13/03/2020 07:14

Descrição:

PROJ. LEI EXECUTIVO

PROJETO DE LEI QUE DISPÕE SOBRE A INSTITUIÇÃO
DO ANO DE FUNDAÇÃO DO MUNICÍPIO



PREFEITURA MUNICIPAL

SÃO JOÃO DA BOA VISTA

Estado de São Paulo

PROJETO DE LEI

“Dispõe sobre a instituição do ano de fundação do Município de São João da Boa Vista”

Art. 1º - Fica oficialmente instituído o ano de fundação do Município de São João da Boa Vista definido como 1.824, conforme relatório conclusivo elaborado pela Comissão nomeada pela Portaria nº 12.638, de 03 de janeiro de 2.020, que passa a fazer parte integrante desta lei, identificado como Anexo I.

Art. 2º - Ficam os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, do Município de São João da Boa Vista, através de seus órgãos competentes e, no que couber, nas esferas Estadual e Federal, autorizados a efetuar as alterações que julgarem necessárias em todos os registros históricos e oficiais pertinentes, procedendo a devida correção de 1.821 para 1.824, de acordo com o disposto no Art. 1º desta lei.

Art. 3º - Ficam os Poderes Executivo e Legislativo autorizados a constar em todos os seus documentos oficiais, em espaço e tamanho adequados, a expressão: ***Fundação do Município 1.824***, com o número da lei que o instituiu.

Art. 4º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICATIVA

O presente Projeto de Lei tem por finalidade definir oficialmente o ano de fundação do Município de São João da Boa Vista.

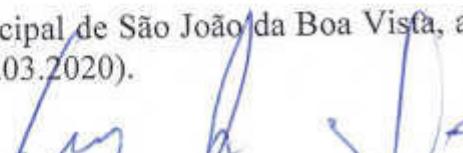
Ao tomarmos esta iniciativa, devemos considerar o seguinte:

- a divergência entre os anos de 1821 e 1824 como sendo o ano de fundação de nosso município;
- a definição final sobre qual o ano será usado juntamente com a data de 24 de junho;
- a proximidade da comemoração do aniversário de São João da Boa Vista.

Para tanto, nomeamos uma Comissão de Estudos, conforme Portaria nº 12.638, de 03 de janeiro de 2.020, publicada no Jornal Oficial Eletrônico do Município nº 832, de 07/01/2020, sendo membros da mesma profissionais como historiadores e escritores; professores universitários; médico; pesquisadores; jornalista e funcionário público municipal; Presidente da Academia de Letras de São João da Boa Vista e o Diretor do Departamento de Cultura da municipalidade.

Para subsidiar a análise da matéria, anexamos cópia do Relatório conclusivo da Comissão acima referida, e ficamos à inteira disposição dos Nobres Vereadores para mais informações, eventualmente necessárias.

Prefeitura Municipal de São João da Boa Vista, aos doze dias do mês de março de dois mil e vinte (12.03.2020).


VANDERLEI BORGES DE CARVALHO
Prefeito Municipal

**COMISSÃO DE ESTUDOS
PARA DEFINIR O ANO
DE FUNDAÇÃO DA CIDADE
DE SÃO JOÃO DA BOA VISTA**

RELATÓRIO FINAL

ÍNDICE

- 1- Introdução**
- 2- Como nossa história foi contada**
- 3- Pesquisas recentes**
- 4- Conclusão**
- 5- Anexos**

I- Introdução

Esta comissão, nomeada pela portaria nº 12.638 de 03 de janeiro de 2020 do prefeito Vanderlei Borges de Carvalho (anexo 1), foi criada para que seja definida a data de fundação de nossa cidade, considerando a possível divergência entre os anos **1821 e 1824**.

Em reunião realizada no dia 14 de janeiro de 2020, foram analisadas e discutidas diversas publicações e documentos relativos ao tema para o esclarecimento do assunto.

II- Como nossa história foi contada

A história de nossa cidade foi escrita em diversos livros, almanaques e edições especiais de jornais locais, desde o ano de 1873.

Apresentamos a seguir um resumo de cada publicação e anexamos ao final deste relatório um fac-símile de cada original.

1873

Almanak da Província de São Paulo

Organizado e publicado por Antônio José Batista de Luné e Paulo Delfino da Fonseca.

Citam os autores “*um tal Machado*” como doador de terrenos para o patrimônio que se chamou primitivamente Santo Antônio e que o Padre Ramalho fez com que se mudasse o nome para São João da Boa Vista. Não citam datas.

(anexo 2)

1888

Almanach da Província de São Paulo

Organizado por Jorge Seckler

No histórico de São João da Boa Vista, escrito por João Pires de Aguiar, é citada a chegada dos mineiros Antônio Manuel de Oliveira (sic) vulgo Antônio Machado e seus cunhados Ignacio e Francisco Cândido. Arrancharam na barra do córrego de São João no Jaguari, na véspera de São João Batista, originando desse fato o nome que então deram ao pequeno ribeiro, cujo acontecimento deu-se no ano de 1822 ou 1823.

Aos poucos outras famílias foram se agregando a estes pioneiros. Modestas habitações e inúmeras roças foram sendo construídas nos descampados e nas matas.

Até que, em 1824, Antônio Machado e sua esposa, D. Mariana Maria de Jesus (sic), em cumprimento de um voto que fizeram a Santo Antônio, doaram-lhe um terreno para o patrimônio da futura povoação. Eis a origem desta cidade.

Vindo aqui, por estes tempos, monsenhor João José Vieira Ramalho, que então residia em sua Fazenda dos Pinheiros, prometeu aos moradores obter a criação de uma capela no lugar, sendo, porém, São João Batista e não Santo Antônio o orago respectivo, ao que acedeu Antônio Machado.

(anexo 3)

Nota: O nome correto era Antônio Manuel de Siqueira, conhecido como Antônio Machado e o de sua esposa Mariana Vicêncio de Jesus.

1901

Almanach de São João da Boa Vista

Organizado por Antônio Gomes Martins, Dr. Alfredo de Mello e Silviano Barbosa.

Diz Antônio Gomes Martins que estes fatos históricos foram coligidos e extraídos de um Almanaque de 1888 e transcreve o texto do almanaque citado anteriormente.

(anexo 4)

1908

O Município de São João da Boa Vista na Exposição Nacional de 1908

Organizado por Carlos Kiellander

No histórico da cidade o autor cita Antonio Machado que por aqui chegou em 1822 ou 1823 junto com seus cunhados. Descreve a área apossada por cada um, mas não cita o ano de fundação da cidade.

(anexo 5)

1910

O Município de São João da Boa Vista

Livro organizado e publicado por Antônio Gomes Martins

Diz o autor: “Não é, infelizmente, possível escrever com exatidão dados da história da fundação de São João da Boa Vista. Há uma tradição, até hoje muito seguida, que atribui a fundação deste lugar aos Máchados, em 1822 a 1824. Esta tradição foi escrita pelo saudoso Sr. João Pires de Aguiar”.

Repete o autor a mesma informação que consta no Almanach de 1901.

Nota: João Pires de Aguiar (SJBV, 18/11/1857 – SJBV, 24/6/1896) foi professor no colégio Culto à Ciência, de sua propriedade. Foi chefe político do Partido Republicano, farmacêutico e coletor de rendas do Estado. Pode ser considerado o primeiro historiador de São João da Boa Vista.

(anexo 6)

1924

Jornal O São João – Número Comemorativo do Centenário de São João da Boa Vista.

Editor: Adelino Gião com vários colaboradores.

No artigo Pequeno Histórico, Raul de Syllos, pseudônimo de Roque Fiori, redator do jornal, baseado nas informações de Benahias de Mello que veio para São João em 1857, com quatorze anos de idade, diz que em 1820 a região era sertão bruto. Chegam Antônio Machado e seus irmãos José Cândido e Francisco, porém o autor não cita datas.

Explica ainda que Antônio Machado teve uma demanda com o vizinho José das Neves, por questão de demarcação. Ganhando a causa, Antônio Machado fez a doação para Santo Antônio e demarcou o terreno para a que deveria pertencer ao padroeiro da capela. Esta área começava na atual Avenida Dona Gertrudes descendo em direção às cachoeiras do Rio da Prata (Macaubeiras) e seguindo pelo mesmo rio até a barra com o Jaguari e subindo novamente ao ponto de início na atual avenida Dona Gertrudes.

Cita ainda o autor a chegada do Padre João Ramalho em 1824 e a modificação do orago para São João Batista.

(anexo 7)

Nota: Antônio Manoel de Siqueira foi recenseado pelas Companhias de Ordenanças de Mogi Guaçu, em 1825. José Nóbrega das Neves com quem Antônio Machado teve a demanda, foi recenseado em 1826. Não foi encontrado recenseamento em 1824.

1950

Álbum de São João da Boa Vista

Organizado por Rogerio Lauria Tucci

No texto Nossa Cidade, escrito por Joaquim José de Oliveira Neto, diz o autor que nossa cidade começou pelos anos de 1922 a 1924 e que os Machado, vindos de Itajubá, seriam os primeiros moradores. Diz ainda, que esta lenda foi escrita por João Pires de Aguiar e é tão simples que poderíamos acatá-la como verdadeira.

(anexo 8) --

1952/1973

Livro: Subsídios à História de São João da Boa Vista

Dr. Theophilo de Andrade

Coletânea de artigos publicados originalmente no jornal A Cidade de São João a partir de 1952 e editado em forma de livro em 1973.

Cita o autor a doação do terreno, em 1824, por Antônio Machado e sua mulher, por intervenção do Padre Ramalho.

(anexo 9)

1958

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros

Publicada pelo IBGE. Organização de Jurandir Ferreira.

O histórico de São João da Boa Vista foi escrito por Maria Leonor Alvarez Silva e diz que as terras que formam hoje o município foram ocupadas por Antônio Manoel de Oliveira vulgo Antônio Machado e seus cunhados vindos de Itajubá no ano de 1822 ou 1824. Antônio Machado doou o terreno para o patrimônio da futura povoação e a capela foi erguida sob o patrocínio do padre João José Vieira Ramalho. Considera a autora o padre Ramalho o verdadeiro patrono do município.

(anexo 10)

1970

Livro: História Administrativa e Política de São João da Boa Vista

Dr. José Osório de Oliveira Azevedo

Na página 593 deste livro, reeditado em 2009, o autor transcreve a Ata da Câmara Municipal de 30 de maio de 1924, autorizando o prefeito a promover os festejos comemorativos do primeiro centenário e a construção de um monumento comemorativo que deveria ser feito com verbas dotadas pela Câmara e com o auxílio dos particulares

Transcreve ainda o autor a ata do lançamento da pedra fundamental do monumento. Assinam a ata, além do prefeito, os vereadores e autoridades da época, num total de 162 pessoas.

Posteriormente, nos anos 2000, esta pedra fundamental foi desenterrada e transferida para o Museu de Arte Sacra de nossa cidade, bem como o pote de vidro que continha documentos, recortes de jornal e pequenos objetos.

(anexo 11)

1974

Almanaque do Sesquicentenário de São João da Boa Vista

Organizado por Augusto Procesi

Neste Almanaque há uma mensagem de Maria Leonor Alvarez Silva parabenizando Augusto Procesi pela iniciativa, mas reiterando que não concorda com a data e que estão comemorando com três anos de atraso.

(anexo 12)

1976

Livro: História de São João da Boa Vista

Texto: Maria Leonor Alvarez Silva

Pesquisa: Matildes Rezende Lopes Salomão

Maria Leonor introduz a figura do Guarda-Mor Antônio Dias de Oliveira e sua esposa Ana Maria Franco como compradores, em 1817, da Fazenda Campo Triste, que pertencia a José Dutra, e que para lá se mudaram em 1821. Cita ainda que a família foi recenseada em 1822.

Diz ainda a autora que em 1830 alguns moradores da Fazenda Campo Triste quiseram *formar vila*, o que não foi permitido pela viúva do Guarda-Mor. Ela recorreu ao Juiz de Paz de Mogi Guaçu e ganhou a causa, recebendo os agregados ordem para se retirarem no prazo de um ano, o que na realidade não acabou acontecendo.

Na página 8 de seu livro, Maria Leonor diz: Podemos afirmar sem receio de engano que foi em 1830 que surgiu o primeiro ensaio urbanístico daquilo que viria a ser a cidade de São João da Boa Vista, pois as datas são claras no documento encontrado em Mogi Guaçu. Daí o fato irreversível, São João da Boa Vista nasceu no ano de 1830, por ter aquele grupo de agregados da Fazenda Campo Triste desejado formar vila.

Na página 28 concluindo o capítulo sobre Antônio Manoel de Siqueira (Machado) diz a autora que ele foi o primeiro doador de terras para o patrimônio da então freguesia.

Na página 372 afirma que o Padre Ramalho não se encontrava ainda na região quando os agregados da fazenda Campo Triste quiseram formar vila (1830).

Termina seu livro (pag. 533) dizendo: “Esses os nomes de alguns ramos, descendentes dos fundadores de São João da Boa Vista, chegados no então “sertão do Jaguari”, onde se localizava sua propriedade “Campo Triste”, em meados do ano de 1821. O guarda-mor votou em 20 de maio, em Campanha, e veio para o seu latifúndio, comprado a herdeiros de José Dutra, em 1817”.

“Damos por encerrado este trabalho, feito com amor e interesse em cinco anos, para deixar à nossa Terra Natal a contribuição de sua história e da descendência de seus legítimos fundadores, o guarda-mor José Antônio Dias de Oliveira e sua esposa, D. Ana Maria Franco de Oliveira”.

(anexo 13)

Nota: Padre Ramalho foi recenseado em 1826

Década de 1970

As propagandas de felicitações pelo aniversário da cidade, publicadas nos jornais locais começam a divergir quanto a idade da cidade. Uns dão como início o ano de 1821 e outros o de 1824.

1992

Livro: **A Catedral de São João da Boa Vista**

Jonathas Mattos Junior

No capítulo O Povoado o autor repete as informações de Antônio Gomes Martins, já citadas acima.

Nota: Jonathas Mattos Junior era filho de Anésia Martins Mattos e neto de Antônio Gomes Martins.

(anexo 14)

1998

Livro: Ensaio sobre a história de São João da Boa Vista

Waldenir N. Sanches Carbonara (obra inédita)

No capítulo Famílias Pioneiras, cita o autor a venda da Fazenda Campo Triste, em 1817, ao guarda-mor José Antonio Dias de Oliveira e a chegada de Antonio Machado entre 1822 e 1824.

Complementa, ainda, que a sede da fazenda Campo Triste ficava a 10 km de onde viria a surgir a cidade de São João da Boa Vista.

(anexo 15)

2003

Livro: Alemães, Suecos, dinamarqueses e austriacos em São João da Boa Vista

Jaime Splettstoser Junior

O capítulo História de São João da Boa Vista foi escrito por Antônio Carlos Rodrigues Lorette, que faz um resumo de tudo o que havia sido publicado sobre a história de nossa cidade e cita Antonio Machado como doador de terras para o patrimônio em 1824.

(anexo 16)

2010

Livro: Logradouros de São João da Boa Vista

Rodrigo Rossi Falconi

Cita o autor que Monsenhor João José Vieira Ramalho fundou o povoado, traçando o plano com quarteirões, ruas e largos, com a simetria de um técnico, modelando-o para futura expansão.

(anexo 17)

2018

Livro: Fundação de São João da Boa Vista – Uma cidade procura sua origem

João Baptista Scannapieco (obra inédita)

Cita o autor a chegada de Antonio Machado e seus cunhados entre 1822 e 1823 e que a doação do terreno para o patrimônio foi realizada por Antonio Machado e sua mulher Mariana Maria de Jesus, em 1824.

(anexo 18)

2019

Livro: São João da Boa Vista – Subsídios históricos e genealógicos

Cita o autor o recenseamento feito em 1798, realizado pelas patrulhas de Mogi Guaçú, onde aparece a primeira família na região da futura São João da Boa Vista: José Dutra, com a esposa Teresa (Joaquina de Jesus) e os filhos Tomé, José e Jacinta. Possuía dois escravos: José e Manoel e plantava para o seu gasto. José Dutra era proprietário da Fazenda Campo Triste e faleceu em 1799, e seu inventário foi feito em Mogi Guaçú. A fazenda foi vendida pela viúva, em 1817 ao Guarda-Mor José Antônio Dias de Oliveira.

Apresenta ainda na página 494 a genealogia de José Dutra.

(anexo 19)

III- Novos documentos

Em pesquisa realizada em 2019 por Jaime Splettstoser Junior, no site www.familysearch, nos arquivos referentes aos recenseamentos realizados pelas Companhias de Ordenança de Mogi Guaçu, foram encontrados:

- 1) José Dutra e sua família e alguns escravos foram recenseados, em 1798 e novamente em 1799, pelas Companhias de Ordenança de Mogi Guaçu, portanto esta pode ser considerada a primeira família a se estabelecer na região de São João da Boa Vista.
(anexo 20)
- 2) Num despacho ao Sr. José de França e Horta, datado de 28 de abril de 1807, o capitão-mor de Mogi Mirim, José dos Santos Cruz, relata: "na quinta-feira, que se contaram 25 do corrente cheguei ao lugar donde se achava o cadete com três soldados e dezoitos homens no barranco do Jaguari Mirim donde tinham feito dois lanços de casa e mais um separado e tinham passado o rio com uma estrada com a qual vinham sair a fazenda do defunto José Dutra distante do arraial de Mogi Guaçu sete léguas...."
(anexo 21)
- 3) Nos recenseamentos de 1810 e 1811, aparece Silvestre Antônio da Rosa, casado com Maria Teresa, filha de José Dutra.
(anexo 22).
- 4) No recenseamento de 1818 aparece novamente Tomé Jacinto Dutra, filho de José Dutra.
(anexo 23).
- 5) No recenseamento de 1820 aparecem o guarda-mor José Antonio Dias de Oliveira e sua família, José Dutra do Amaral (filho de José Dutra), Silvestre Antonio da Rosa (casado com Maria Teresa, filha de José Dutra) e Tristão de Souza Castro (casado com Jacinta Maria de Jesus, filha de José Dutra).
(anexo 24).

IV- Conclusão

A fundação de São João da Boa Vista não pode ser atribuída ao guarda-mor José Antônio Dias de Oliveira, pelo fato de ter se estabelecido na Fazenda Campo Triste no ano de 1821, pois antes dele a família de José Dutra, de cujos herdeiros o guarda-mor comprou as terras, já se encontrava na região do Campo Triste, desde 1798.

O ano de fundação deve ser considerado o de **1824**, restabelecendo a tradição que perdurou por mais de 150 anos, testemunhada oralmente por moradores pioneiros.

São João da Boa Vista, 22 de janeiro de 2020

A COMISSÃO

ANEXOS



PREFEITURA MUNICIPAL

SÃO JOÃO DA BOA VISTA

Estado de São Paulo

PORTARIA N° 12.638, DE 03 DE JANEIRO DE 2.020

O Prefeito Municipal de São João da Boa Vista, Estado de São Paulo etc., usando de suas atribuições legais.

Considerando a possível divergência entre os anos 1821 e 1824 como sendo o ano de fundação de nossa cidade:

Considerando a necessidade de se definir finalmente qual o ano será usado juntamente com a data de 24 de junho:

Considerando a proximidade da comemoração de 200 anos de nossa cidade que exige uma melhor definição:

R E S O L V E:

Art. 1º - Nomear a Comissão de Estudos abaixo relacionada para em até 60 (sessenta) dias apresentar um relatório final ao Poder Executivo, baseado em documentos, jornais, fotos e outros arquivos que fundamentarão o ano a ser escolhido para posterior edição de lei competente:

JAIME SPLESTTOSER JÚNIOR – historiador e escritor.

ANTONIO CARLOS RODRIGUES LORETTE – professor universitário e historiador.

RODRIGO A. ROSSI FALCONI – médico, escritor e historiador.

JOÃO BATISTA SCANAPIECCO – professor, escritor e historiador.

WALDEMAR SANCHES CARBONARA – professor e pesquisador.

LUCELENA MAIA – presidente da Academia de Letras SJBV.

ANA LÚCIA SGUASSABIA SILVEIRA FINAZZI – pesquisadora.

REINALDO REHDER BENEDETTI – jornalista e funcionário público municipal e.

HÉLIO CORRÉA DA FONSECA FILHO – Diretor do Departamento de Cultura.

Art. 2º - Fica escolhido para presidir a comissão e as reuniões de trabalho o Sr. Jaime Splesttoser Júnior.

Art. 3º - Fica escolhido para atuar na secretaria a Sra. Ana Lúcia Sguassabia Silveira Finazzi.

Art. 4º - Esta portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Prefeitura Municipal de São João da Boa Vista, aos três dias do mês de janeiro de dois mil e vinte (03.01.2020).


VANDERLEI BORGES DE CARVALHO
Prefeito Municipal



ALMANAK
DA
PROVINCIA DE SÃO PAULO
PARA
1873



IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO S.A. - IMESP

de seu clima, para ali affluirão. Denominou-se primitivamente Santo Antônio, por haver um tal Machado feito doação a este Santo dos terrenos do patrimônio quando conseguiu vencer uma demanda em que se achava empenhado. Sendo criado curato, o primeiro sacerdote, Padre João José Vieira Ramalho, fez com que se mudasse o nome para o de S. João da Bon-Vista, em razão da posição alegre em que está collocada a povoação e da vista que dali se goza. Erecta Freguezia em 1838, foi elevada à categoria de Villa a 24 de Março de 1859.

Em seu Município cultiva-se café, fumo, cana de açúcar e outros gêneros; também cria-se gado vacum e suino.

A 7 legnas desta Villa encontrão-se as águas sulfurosas das Caldas, na Província de Minas-Geraes.

CAMARA MUNICIPAL

Não foi possível obtermos os nomes dos vereadores ultimamente eleitos.

INSTRUÇÃO PRIMARIA

INSPECTOR

Tanente-coronel Antonio Pereira de Mello.

PROFESSOR PUBLICO

Custodio José B. Sandeville.

PROFESSORA PUBLICA

D. Maria M. R. de Sandeville.

VIGARIO

Padre José Valeriano de Souza.

IGREJAS

Matriz, sob a invocação de S. João. Nossa Senhora do Rosario, em construção.

S. Miguel, em construção.

SUADELEGADO

Francisco Vieira de Amorim Cortez.

Suplentes

1º, José Innocencio de Godoy Junior.

2º, José Dias de Barros.

3º, Manoel Moysés de Souza.

JUIZES DE PAZ

Não pudemos obter os nomes dos eleitos para o novo quatriénio.

ELEITORES DA FREGUEZIA

Major Gabriel Garcia de Figueiredo.

Tenente Diogo Garcia de Figueiredo.

João Evangelista de Sylos.

Alferes Gabriel Fernandes Pinheiro.

Alferes Francisco Fernandes Pedroso.

Francisco Gomes de Figueiredo.

AGENCIA DO CORREIO

Agente, José Luiz de Andrade.

CAPITALISTAS

Antonio Graciano de Souza, r. de Paysandú.

Francisco Osorio de Oliveira, r. da Cadéa.

Manoel José dos Santos Malheiro, r. de S. Pedro.

PROPRIETARIOS

D. Anna Antonia de Jesus.

Anna Pinheiro.

Antonio Fernandes Maciel.

Antonio Ferreira Celestino.

Antonio Graciano de Siqueira.

Antonio Graciano de Souza.

Antonio Jacintho Cabral.

Antonio Joaquim Diniz.

Antonio José Bernardes.

Antonio Luiz Ferreira.

Antonio Manoel Baptista & Comp.

Antonio de Sanches.

Carolina de Paiva.

Domiciano Garcia Rocha.

Elias Cassiano Machado.

Emerenciano Villela Junqueira.

Feliciano de Freitas.

Feliciano Honorio de Oliveira.

D. Francisca Alexandrina.

Francisco Antonio Ferreira.

Francisco José Moraes.

Francisco Osorio de Oliveira.

Francisco Pereira Machado.

Francisco Tavares Coimbra.

Francisco Ventura de Mello.

Gabriel Garcia da Costa.

Gabriel Joaquim Ferreira.

Gabriel Joaquim de Oliveira.

Capitão Hygino Ignacio Brandão.

Ignacio Borges de Carvalho.

João Antonio de Oliveira.

João Chrysostomo de Almeida.

João Feliciano de Andrade.

João José Ribeiro.

João Luchesis.

João Luiz Ferreira.

João Tavares Coimbra.

ANEXO 3

ALMANACH

DA

PROVINCIA DE SÃO PAULO

ADMINISTRATIVO, COMMERCIAL E INDUSTRIAL

PARA

1888

FUNDADO E ORGANISADO

POR

JORGE SECKLER

SEXTO ANNO

S. PAULO

Francisco Egydio do Amaral	.	S. Manoel.
— de Gedoy Bueno	.	Araras.
— Martins dos Santos, C.º	.	Santos.
— Ribeiro de M. Escobar, Dr.	.	Taubaté.
— Mathias Bueno de Moraes	.	Nazareth.
Henrique Alfredo de Oliveira Valente	.	Mote-mór.
J. B. Dias de Toledo	.	Serra Negra.
João Alberto de Oliveira Prado, Major	.	Mogy-mirim.
— Baptista de A. Palhares	.	Capital
— Baptista Caldas, advogado	.	Rio Verde.
— do Amaral Camargo, advogado	.	S. Carlos do Pinha
— Machado de Souza Campos	.	Serra Negra.
— Moraes Pereira Gomes	.	Cananéa.
— Pedro de Oliveira Castro	.	Silveiras.
— Pires de Aguiar	.	S. João da Boa Vista
— Rodrigues de Jesus	.	Parnahyba.
— de Souza Amaral Gurgel, Cap	.	Capital.
José Antonio Mangini	.	Bananal.
— Alves Pinto Junior	.	S. Vicente.
— Ferreira da Costa, Cap.	.	Limeira.
— Gregorio da Silva	.	Mogy das Cruzes.
— Ignacio da Gloria	.	S. Vicente.
— Lourenço de Sá	.	Espirito Santo do Pinha
— Pinto Machado	.	Jaboticabal.
— Theodoro Mello	.	Franca.
Joaquim José Saraiva	.	S. José do Barreiro
— Vaz Guimaraes	.	Itatiba.
— Pereira Moraes	.	Santos.
Jeronymo José Lopes de Siqueira	.	Piracicaba.
Julio Cesar da Costa Sampaio	.	Areas.
— Stern	.	Rio Claro.
Lafayette de Toledo	.	Casa Branca.
Luiz Domiciano da Conceição	.	Ubatuba.
— Gonzaga Marcondes	.	Pindamonhangaba.
— Gonzaga da Silva Leme, Dr.	.	Bragança.
Manoel Augusto de Alvarenga, Dr.	.	Araraquara.
— Marcellino de Souza Franco	.	Rio Novo.
Marcellino Neger	.	Campinas.
Marcellino Silva	.	Pindamonhangaba.
Olympio José de Freitas	.	S. José dos Campos.
Pedro Augusto de Azevedo Marques	.	Itapetininga.
— José Teixeira	.	Bocaina.
— Gonçalves Dente, Major	.	Capital.
Sebastião Antonio Dias	.	Mogy-mirim.
Virgilio Pires de Campos	.	Fartura.

Oleiros	José Leite de Sant'Anna
João Pinto de Faria.	Thiago Ribeiro
Francisco Leme do Prado.	Joaquim Francisco de Souza
Pedreiros	Sapateiros
João Capistrano.	Camillo Pagano.
Alfredo José Pinto.	Pedro Pagano.
Pintores	Sellei
Benedicto Claro Ribeiro.	Julio Cesar Ferreira
Alfredo José Pinto.	Taipei
Seccos e molhados	Caetano Rodrigues de Souza
Antonio Nobre.	João Francisco Thorncroft
Benedicto Mendes Vieira.	Violei
Camillo de Souza Pereira.	Francisco Borges.
José Innocencio de Souza.	
• Cursino dos Santos.	

S. JOÃO DA BOA VISTA—Cidade

HISTORIA.—O territorio deste municipio estava noutro hendido nas antigas e celebres—Aréas do Secretario.—cuja dicta a qualquer aventureiro dos sertões. Não obstante os mineiros Antonio Manoel de Oliveira (vulgo Antonio Machado) Ignacio de Candido e Francisco de Candido, vindos aqui entraram, fazendo seu primeiro pouso e arranhação n'go de S. João no Jaguary, na vespresa de S. João Baptista que então deram ao pequeno ribeirão. Este facto deu-se no dia 1823. Antonio Machado tomou posse para si dos terrenos da Prata e da margem direita do Jaguary até o Rio Claro, e morada na margem direita do Prata, proximo á actual morada de Bernades.

Ignacio de Candido apossou-se das terras da margem do Jaguary, fazendo sua morada onde hoje se acha a chacara de Vares.

Francisco de Candido foi, Jaguary acima, estabelecer cortados pelo ribeirão da Caxoeira, que constituiu sua posse.

A estes primitivos povoadores se aggregavam, a poucas familias que vinham atraídas pelas notícias desta zona ex-lentissima. Extensas roças iam surgindo em diversos pontos ás florestas que ruiam aos golpes dos machados sertanejos. Habitacões e inúmeras choças se foram construindo nos esquemas inattas.

Em 1824 Antonio Machado e sua esposa D. Mariana em cumprimento de um voto que fizeram a Santo Antonio, cão de um terreno para o património da futura povoação.

Major Jacintho José da Silva Cintra.	João Theodoro de Oliveira.
Capitão Manoel Vicente da Araújo Cintra.	Antônio Domingues de Oliveira Cesar.
Tenente Mariano Gomes da Cunha.	Delfino José da Rocha Campos.
Francisco da Rocha Campos.	Tenente Joaquim da Rocha Campos Netto.
Ignacio Gomes da Cunha.	David José Pereira da Silva.
Bento José Pereira da Silva.	Francisco de Assis Vieira.
<i>Supplentes</i>	Francisco Gomes da Cunha Salles.
Joaquim Ignacio de Oliveira Luz.	

TERMO DE S. JOÃO DA BOA-VISTA

1º DISTRICHO

Do alto da serra, em terras do guarda-mor Rabello, seguindo pela estrada que vem de Caldas para a Villa de S. João da Boa-Vista, e rodeando o patrimônio até a estrada da ponte, seguindo por esta estrada adiante ao ribeirão dos Porcos, ao Campo Triste, no Cercadinho até o Itupeva na estrada de Mogy-Mirim pelo campo, passando pela casa de Manoel Ventura de Mello.

2º DISTRICHO

Da ponte do Jaguary, na chacara de Misael Tavares Coimbra, seguindo pelo Jaguary abaixo até a ponte na estrada de Casa-Branca, e voltando à esquerda pela estrada adiante até o rancho de José Pedroso, e pelo Itupeva acima até a estrada de Manoel Ventura, a tocar na divisa do 1º distrito.

3º DISTRICHO

Da ponte do Jaguary (no Misael) à direita até a ponte sobre o mesmo rio na estrada de Casa-Branca, pelo rio acima, até a fazenda da Graciosa, Lagôa Feia, Rio-Verde, Tres Barras, alto da serra da Partura, por esta acima até o Tijuco-Preto e alto da serra até a estrada guarda-mor Rabello.

JUIZ MUNICIPAL E DE ORFÃOS

Bacharel João Gonçalves de Oliveira, reside em Mogy-Mirim, cabeca dos Termos reunidos de Mogy-Mirim e S. João da Boa-Vista.

Supplentes

1º, Capitão José Garcia de Oliveira Filho.

2º,

3º,

ADJUNTO DO PROMOTOR

Manoel Carlos de Moraes Lessa.

Escrípção do jury

Tabellido

Francisco Pereira Macedo.

Escrípção de orfãos

Ignacio Roberto de Azevedo Marques.

DELEGACIA DE POLICIA

DELEGADO

Francisco Honório Rodrigues Pereira Paiva.

Supplentes

1º, Manoel Gomes da Silva.

2º, Joaquim Francisco Mafra.

3º, Francisco Gonçalves Vallim.

MUNICIPIO DE S. JOÃO DA BOA-VISTA

A Villa de S. João da Boa-Vista acha-se situada à distancia de 36 leguas ou 200 kilometros da Capital; à de 10 leguas ou 55,5 kilometros de Mogy-Mirim; à de 7 leguas ou 38,8 kilometros de Casa-Branca; à de 3 leguas ou 16,6 kilometros do Espírito-Santo do Pinhal; à de 10 leguas ou 55,5 kilometros de Caldas na Província de Minas, e à 7 leguas ou 38,8 kilometros das águas sulfurosas.

Esta povoação teve princípio pela aglomeração de agricultores mineiros, que, atraídos pela prodigiosa fertilidade de seu solo e salubridade

metteu aos moradores obter a criação de uma capella no lugar, sendo, porém, S. João Baptista e não Santo Antonio, o respectivo orago, ao que accedeu Machado. Foi monsenhor Ramalho o sacerdote que primeiro celebrou missa aqui vindo da sua fazenda aos domingos, ate que foi nomeado cura da capella o Padre Joaquim Sigar.

Finalmente monsenhor Ramalho fixou sua residencia dentro da povoação, fez construir alguns predios que ainda existem, montou diversas fazendas de assucar e construiu com o concurso de alguns fazendeiros a actual igreja matriz (1848-50), e fez o encanamento d'agua para a serventia do povoado. Moreu senador do imperio em 26 de Junho de 1853.

S. João da Boa-Vista foi elevada a freguesia pela lei n. 17 de 28 de Fevereiro de 1838, a villa pela de n. 12 de 24 de Março de 1859, a cidade a 21 de Abril de 1880.

ASPECTO GERAL.—O territorio do municipio é montanhosa a E. e N., porém planno, pouco ondulado para O. Em grande parte ainda se acha coberto de extensas e magestosas matas virgens; havendo tambem, alem das terras cultivadas, as campinas da Itupeva, Embirussú, Campo Triste e Vargem Grande.

SERRAS E MORROS.—As maiores mantanhas do município são ramificações da *Serra do Caracol*, com denominações de *Serra da Caroeira*, *do Alegré*, *da Prata*, *do Paiol*, *da Boa-Vista* (1800 metros) e *da Fartura*. Para O. se encontram isoladas, o *Morro do Barreiro*, a *Serra das Posses*, a *da Glória*, etc.

RIOS E LAGOS.—Os rios e correlos do municipio são quasi todos da bacia do Jaguary; alguns são affluentes do Rio Pardo, e um, o Itupeva, é tributario do Mogi-guassú.

Affluentes do Jaguary na magem direita:—o Corrego dos Cocaes, o do Parador, o das Aréas, o de S. João, o Rio da Prata, o Corrego Fundo, o Rio Claro, o Corrego da Cidreira, e o da Jacuba. Margem esquerda:—Ribeirão dos Porcos, o do Cantigallo, o das Macahubas ou da Helena, o do Embirussú ou Amaro Nnnes, alem de muitos outros pequenos. O Prata tambem recebe o Corrego do Alberto, o do Alegre e o Rio do Quartel; este por seu turno recebe o das Pedras. O Ribeirão dos Porcos recebe os corregos—de Santa Maria, Campo Limpo, Santo Antonio e Campo Triste.

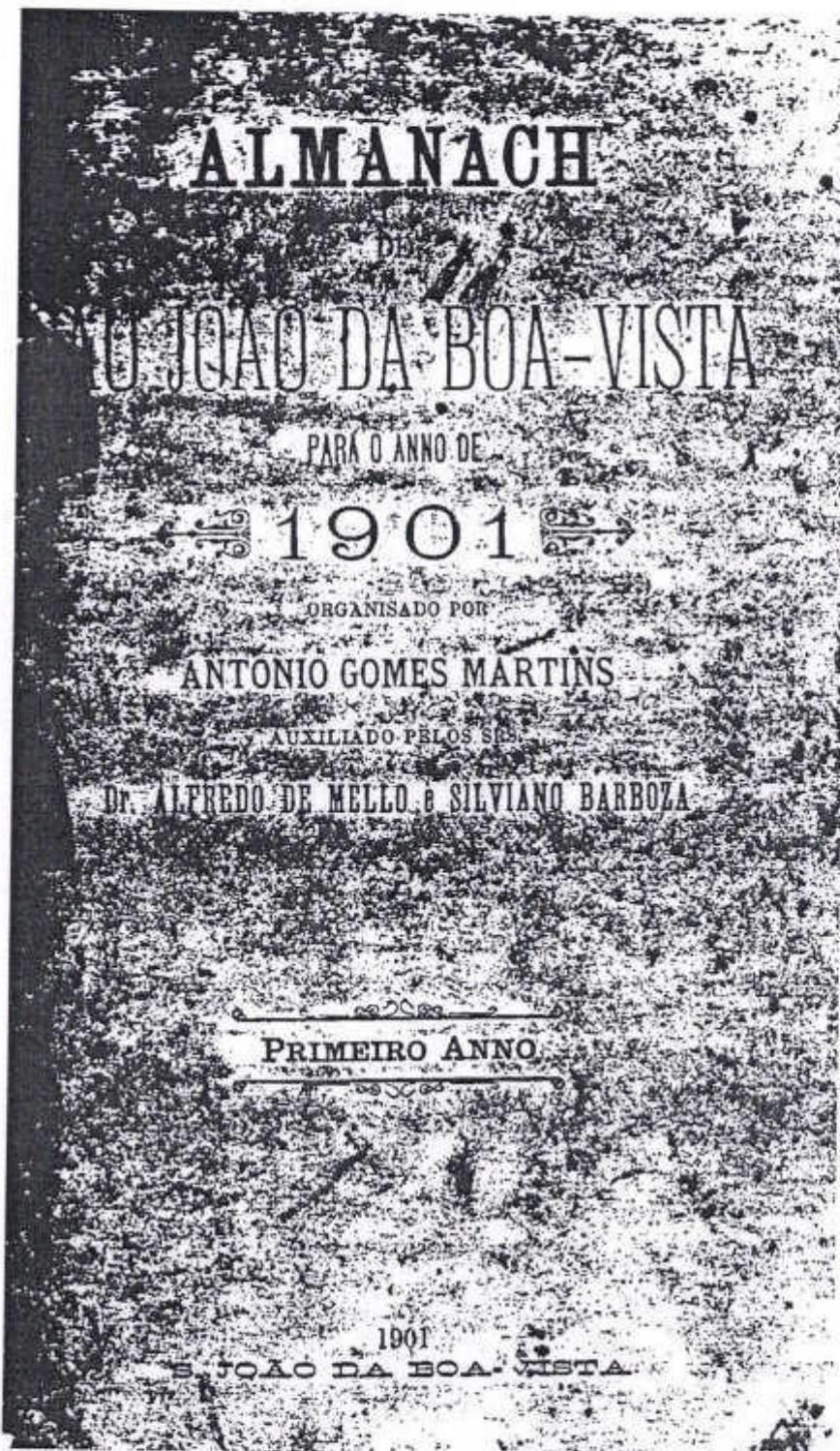
Para o Rio Pardo(margem esquerda) correm o Ribeirão da Fartura e o Rio Verde, este recebe por sua vez o Rio Preto.

Entre as muitas pequenas lagoas notam-se a Feia e a Formosa na Vargem Grande, e a dos Patos no Embirussú.

MADEIRAS.—As matas são riquíssimas em madeiras de construção e marcenaria, tais como: amoreira, angico, araribá, aroeira, candeia, canjarama, cedro, copaíba, coração-de-negro, embirussú, garantam, guaritá, ipé, jatoba, jacaranda, jequitibá, oleos amarelo, pardo e vermelho, peroba, pereira, pinheiro, sobragil, tamboril, etc.

ANIMAES SILVESTRES, PRIXES.—Nas serras se encontram algumas espécies de onças, de queixadas, catetos, e, em diversos pontos, a anta, a capivara, coatis, lamas, leões, leões-leões, etc.

ANEXO 4



SÃO JOÃO DA BOA-VISTA

Factos históricos colligidos e extrahidos de um Almanach de 1888
sobre a origem e fundação desta cidade

Historico — O território deste município estava, em outros tempos, compreendido nas antigas e celebres — Aréas do Secretario — cuja posse, era interdicta a qualquer aventureiro dos sertões.

Não obstante essa proibição, os mineiros Antônio Manoel de Oliveira (vulgo Antônio Machado) e seus cunhados Ignacio e Francisco de Cândido, vindos de Itajubá, para aqui entraram, fazendo o seu primeiro pouso e arranque na barra do correio de S. João, no Jaguary, na véspera de S. João Baptista, originando desse facto, o nome que então deram ao pequeno ribeiro, cujo acontecimento deu-se no anno de 1822 ou 1823.

Antônio Machado tomou posse para si dos terrenos regados pelo ribeirão da Prata e da margem direita do Jaguary, até o Rio Claro, estabelecendo sua morada na margem direita do Prata, nas proximidades da actual Fazenda do Cidadão Manoel Bernardo da Costa Sobrinho.

Ignacio de Cândido apossou-se das terras da margem esquerda do Jaguary, fazendo sua morada onde hoje está situada a chácara do cidadão Mízael Tavares Coimbra.

Siglo XIX

Francisco de Cândido, finalmente, foi Jaguary acima, estabelecer-se nos terrenos cortados pelo ribeirão da Cachoeira, que constituiu sua possessão.

A estes primeiros povoadores se aggregaram, pouco a pouco, novas famílias, que vinham atraídas pelas notícias desta zona explendorosa, opulentíssima. Extensas roças iam surgindo em diversos pontos, em substituição às florestas devastadas pelos golpes do machado sertanejo.

Modestas habitações e inúmeras choças se foram construindo nos descampados e nas mattas.

Até que, em 1824, Antonio Machado e sua esposa, D. Marianna Maria do Jesus, em cumprimento de um voto que fizeram a S. Antonio, doaram-lhe um terreno para o patrimônio da futura povoação.

Eis a origem d'esta Cidade.

Vindo aqui, por esse tempo, monsenhor João José Vieira Ramalho, que então residia em sua fazenda dos Pinheiros (hoje pertencente à família Ribeiro), prometeu aos moradores obter a criação de uma capella no logar, sendo, porém, S. João Baptista e não S. Antonio o orago respectivo, ao que accedeu Antonio Machado.

Foi monsenhor João Ramalho o sacerdote que primeiro celebrou missa aqui, vindo de sua fazenda aos domingos, até que foi nomeado cura da capella o Padre Joaquim Sigar.

Finalmente, monsenhor João Ramalho fixou sua residência dentro da povoação, fez construir predios, dos quais alguns ainda existem, montou diversas fazendas, construiu com o concurso de alguns fazendeiros, a actual igreja matriz, que por se achar em ruínas, há dez anos approximadamente, foi reconstruída com pedras e tijolos; fez o encanamento d'água para serventia da povoação em 1848, etc.

Morreu monsenhor João Ramalho, como Senador do Império, em 1853.

ANEXO 5

O Município de São João da Boa Vista na exposição Nacional de 1908

— 13 —

O Município de São João da Boa-Vista.

Estava compreendido nos terrenos denominados "Áreas do Secretario" o territorio que constitue o actual município de São João da Boa-Vista e que, em 1823—1824, pertencia á extensa comarca de Magy-mirim.

A posse das "Áreas do Secretario" era interdita a qualquer aventureiro. Não obstante essa proibição, Antonio Manoel de Oliveira, posteriormente mais conhecido por Antonio Machado, e dois de seus cunhados—Ignacio Cândido e Francisco Cândido, naturaes de Minas e procedentes de Itajubá desse mesmo Estado, em 1822 ou 1823 (não afirmam com precisão os nossos conhecimentos historicos) se internaram nestas terras, fazendo o seu primeiro rancho á margem do Rio Jaguary, no ponto de confluencia do correjo São João, imediações da Estação da Estrada de Ferro Mogiana.

O primeiro pouso dos benemeritos invasores teve lugar na noite de 23 para 24 de junho, véspera do dia consagrado a São João Baptista, facto a que se atribue a denominação do referido correjo.

Antonio Manoel de Oliveira, ou melhor, Antonio Machado, dias depois estabeleceu-se definitivamente á margem do rio da Prata, edificando sua morada nas proximidades do local em que hoje está o cemiterio velho da Avenida da Constituição, ao lado esquerdo da estrada que liga a cidade á chácara do Capitão Antonio Loureiro.

Ha opiniões que dão como verdadeiro o estabelecimento de Antonio Machado nas imediações da propriedade agricola hoje pertencente á Dona Euphrasina Francisca de Chagas, a Sebastião José Bernardes e outros, herdeiros do falecido Tenente Manoel Bernardes da Costa Sobrinho.

Ignacio Cândido aposseou-se das terras da margem esquerda do rio Jaguary: installou-se no lugar em que se construiu a ponte, caminho das fazendas "Pituba", "Gloria" e distrito de Cascavel. Arranhou-se em terrenos hoje de propriedade do Dr. Antonio Ribeiro dos Santos, advogado em São Paulo.

A Francisco Cândido—o terceiro dos mineiros, na partilha entre familia, couberam as terras Jaguary acima, na extensão banhada pelo afluente "Cachoeira". Essa faixa de terra constituiu sua posseção.

Começou logo depois a imigração de novas famílias. As notícias lisongeiras de nossas terras atraíam-nas. Pouco tempo depois, o machado sertanejo devastando as matas, ruindo as florestas, e o braço vigoroso do mineiro robusto—revolvendo as terras vírgens e frescas, davam lugar ás roças que inúmeras se multiplicaram. Rapidamente os encampados se foram povoando. O numero de chácás cresceu.

José Nicacio de Lima, um dos invasores de que ainda hoje se apontam descendentes, foi um dos primeiros que com sua família procuraram as nossas terras. Sabe-se que esse arranjou-se em plena mata virgem e que, cuidadosamente, com seus filhos pernoitava em girões receando ataque dos animais ferozes. Seu ramo construiu-se no ponto em que está o largo da Matriz, ou melhor, o Jardim Publico da nossa cidade.

No numero desses primeiros habitantes contam-se os Rochas e os Tavares que, relatam os antigos, se diziam aparentados com os Cândidos.

José Nobre das Neves figura também no rol dos primeiros proprietários do solo sanjoannense. Esse e familia vieram de São Bernardo... Estado de São Paulo.

Ha noticias e muito verdadeiras sobre José Bernardes da Costa e sua familia, vindos de Haependy, e que se apossearam dos terrenos mais tarde pertencentes ao Alferes Maximiano e que hoje formam a Fazenda da Fortaleza,actualmente sob a administração do Banco do Credito Real de S. Paulo. Uma filha de José Bernardes ainda existe. Dão-lhe cem anos. Essa se recorda de haver visto seu pae vender terrenos de primeira a dois mil reis o alqueire. Foi casada com João Antônio, carpinteiro, bem mais velho do que ella e portanto um dos nossos primeiros imigrantes. João Antônio era da familia dos Vallins de Mogi-mirim—que também, algum tempo depois, procuraram as novas terras de Antônio Machado. Os Dutras igualmente aparecem na historia dos primeiros dias de São João da Boa-Vista.

O município tem hoje uma superficie de 100.000 hectares, mais ou menos, ou 50 kilometros no seu maior comprimento por trinta na maior largura. E' ligeiramente onduloso a oeste e montanhoso de norte a sul na consideravel faixa que se estende até as divisas de Minas. O - Morro do Barreiro, a - Serra das Posses, a - Serra da Glória- são montes isolados que se notam a oeste. As maiores montanhas são ramificações da - Serra do Caracol- que é uma continuação da - Serra da Mantiqueira-. Essas recebem as denominações: - Serra da Cachoeira-, - Serra da Prata-, - da Boa-Vista-, - do Paiol-, etc.

O ponto culminante do município está na - Serra da Boa-Vista- com uma elevação superior a 1500m. acima do nível do mar.

A parte montanhosa do município compõe-se de rochas granitoides, predominando, em alguns pontos, o GNEISS mais ou menos decomposto, geralmente coberto por uma camada de terra vegetal muito favorável à grande vegetação lenhosa.

Os campos que se dilatam para oeste têm começo na parte occidental. Esta parte do município é extremamente síclosa. Espessa camada de argilla, diversamente colorida, com predominio do vermelho, devido ao oxylo de ferro, ocupa a

CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DA CIDADE

Na ata de 30 de maio de 1924 encontra-se a seguinte indicação:

Devendo comemorar-se, a 24 de junho próximo, o primeiro centenário da fundação da cidade, indicamos que fique o prefeito autorizado a promover os festejos para essa comemoração, promovendo os meios necessários para ser erigido um monumento que assinale esse fato, em lugar que será oportunamente determinado. Indicamos igualmente que o prefeito fique autorizado a despescer a quantia necessária para essa comemoração.

São João da Boa Vista, 30 de maio de 1924. Antônio Cândido de Oliveira Filho, Dr. José Procópio de Andrade Jr., Lauro Maciel de Godói, José Alexandre de Almeida, Antônio Rodrigues Pinto, Antônio Jacinto dos Santos Malheiros. Dá-se por aprovada essa indicação imediatamente, por esta assinada por todos os Srs. vereadores.

O Sr. Dr. Andrade Jr. explica que no dia 24 de junho próximo será lançada a pedra fundamental do monumento comemorativo, que será levantado depois, com verbas que a Câmara votar e com o auxílio dos particulares. Por falta de verba e devido à escassez de tempo, não é possível fazer-se agora a ereção desse monumento. Quanto aos festejos, diz S. Exa. que a comissão, que foi nomeada, publicará oportunamente o respectivo programa.

Ata do lançamento da pedra fundamental do monumento comemorativo do primeiro centenário da fundação da cidade de São João da Boa Vista

Aos 24 de junho de 1924, nesta cidade de São João da Boa Vista, Estado de São Paulo, às quatorze horas, no Largo da Matriz, com a presença dos Srs. Dr. Antônio Cândido de Oliveira Filho, presidente da Câmara Mu-

nicipal; Dr. José Procópio de Andrade Jr., prefeito deste município; Dr. Teófilo Ribeiro de Andrade, deputado estadual por este distrito; Dr. Nélson Noronha Gustavo, juiz de Direito desta comarca, Dr. Gustavo-Evaristo dos Santos, juiz de Direito substituto; Antônio Rodrigues Pinto, major Antônio Jacinto dos Santos Malheiros, capitão Lauro Maciel de Godói, capitão José Alexandre da Almeida, Gabriel Antônio da Silva Oliveira e major José Marçal Nogueira de Barros, vereadores; capitão José Gomes Guimarães, capitão Gabriel Rabelo de Andrade, Dr. Alípio Noronha Gomes da Silva, membros do Diretório Político Republicano, do qual é presidente o Sr. Dr. Antônio Cândido de Oliveira Filho, já nomeado; Dr. Ascendino Resende, promotor público da comarca, major Sebastião Silveira, escrivão do júri; revmo. padre Josué Silveira de Matos, vigário desta Paróquia; José Castelo, também do diretório; capitão Pedro de Oliveira Westin e Tibúrcio Guedes de Sene, tabeliães; José Pacheco, contador e distribuidor; professor Pedro Maciel de Godói, diretor do Grupo Escolar "Joaquim José"; Basílio Braga, representante do procurador da República; major José Procópio de Azevedo Neto, coletor federal; capitão Antônio Vespasiano de Albuquerque, coletor estadual; capitão Antônio Marques Jr., primeiro juiz de paz; Orlando de Andrade Resende, escrivão de paz; a comissão nomeada para organizar os festejos de hoje (comemorativo do primeiro centenário da fundação desta cidade), composta dos Srs. Dr. Carlos Kiellander, Manuel da Costa Patrão, e capitão Lauro Maciel de Godói (já nomeado), e outras autoridades e grande massa popular, fez-se no lugar previamente designado pelo governador do município e pela referida comissão, e com as solenidades de estilo, o lançamento da pedra fundamental do monumento comemorativo do primeiro centenário (que hoje passa), da fundação desta cidade de São João da Boa Vista. Falou, nesse ato, o exmo. Dr. Antônio Cândido de Oliveira Filho, orador nomeado pela aludida comissão. S. Exa. fez histórico da fundação desta cidade, prestando homenagem à memória dos seus fundadores e citando nomes de todos aqueles que concorreram para o seu progresso. Ao ato estiveram presentes também os Srs. Francisco Pascoal, redator da *Cidade de São João*, Roque Fiori, redator d'*O Município*, e Adelino Gião, diretor do *O São João*. De tudo lavrei esta ata, para constar a todo o tempo. Eu, José Andrade, secretário da Câmara Municipal e da Prefeitura, a escrevi.

Seguem-se as assinaturas dos presentes, em número de 162, no livro de atas n. 317, de fls. 28 a 30v.

Só por algum impedimento ocasional não figuro entre os signatários da ata pois eu não faltava a festividade dessa natureza. Meu pai Domingos Teodoro de Azevedo Sobrinho e meu irmão Domingos Teo-

Manoel Inácio Franco se estabelece no Tripul (Caldas) e José Rabelo de Carvalho no Jardim (Rio Machado).⁶⁶

1796

O Padre Manuel Gonçalves Correia edifica em sua propriedade, perto da atual divisa entre São Paulo e Minas Gerais, um cemitério e uma ermida dedicada a Nossa Senhora do Carmo, por provisão de 23 de maio de 1794, do vigário capitular de São Paulo, assistindo espiritualmente a população vizinha até seu falecimento, em 24 de julho de 1810⁶⁷. (M.H. P. Caldas, Nilza Botelho, p. 19). Seu óbito e testamento foram registrados na Matriz de Ouro Fino, ele foi enterrado dentro da Ermida de Nossa Senhora do Carmo, tendo deixado grande descendência⁶⁸.

1798

No Censo realizado pelas patrulhas de Mogi Guaçú, aparece a primeira família na região da futura São João da Boa Vista: José Dutra, com a esposa Teresa (Joaquina de Jesus) e os filhos Tomé, José e Jacinta. Possuía dois escravos: José e Manoel e plantava para o seu gasto. José Dutra era proprietário da Fazenda Campo Triste e faleceu em 1799, e seu inventário foi feito em Mogi Guaçú. A fazenda foi vendida pela viúva, em 1817 ao Guarda-Mor Antônio Dias de Oliveira.

Família de José Dutra, recenseada em 1798 pelas patrulhas de ordenanças de Mogi Guaçú.

97	José Dutra	14	
	Teresa	mer	
		filho	
	Tomé		10
	João		10
	Jacinta		10
	José	Plantador	30
	Manoel	Bruto	30
			30

1799

José Dutra é novamente recenseado. Aparece como senhor de engenho, tendo vendido para Santos 40 arrobas de açúcar alvo e 20 arrobas de açúcar mascavo.

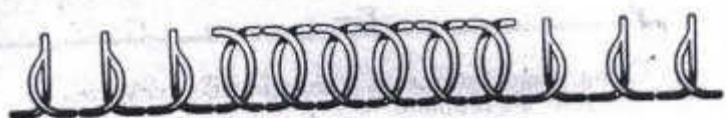
1800

Neste ano, segundo Antônio Gomes Martins, no lugar denominado Areias, próximo ao rio Jaguari, região da atual São João da Boa Vista, já se encontram residindo Antonio Modesto de Freitas e sua mulher.

Nessa época, chegam também Mateus Ferreira Martins e sua esposa Maria Esméria, um dos primeiros moradores que se localizaram nas terras da fazenda denominada Cachoeira.

ANEXO 6





S. João da Boa-Vista

RESUMO HISTÓRICO

Não é, infelizmente, possível, escrever com exactos dados a historia da fundação de São João da Boa-Vista. Como em tantos outros casos, faltam-nos os documentos legítimos e abundam as lendas e tradições mais ou menos erroneas.

E' tanto mais natural essa falta de documentos, quanto se trata da fundação de um povoado, perdido nos sertões de uma longínqua colónia portugueza.

Naquelles tempos, raros eram os que conheciam os misterios da escripta e esses não se davam ao trabalho de escrever o que faziam.

Os documentos que mais se poderiam encontrar são os referentes aos actos religiosos: baptismos, casamentos, etc.

Mas, em S. João, até esses faltam; é possível que estivessem em poder do Padre João Ramalho, assim como outros papeis relativos à fundação do logar, e, por sua morte, tudo se perden.

Vamos, pois, tentar reconstruir a historia de S. João da Boa-Vista, baseando-nos um pouco na lenda e um pouco nos raros documentos.

Ha uma tradição, até hoje muito seguida, que attribue a fundação desse logar aos Machados, em 1822 a 1824. Essa tradição foi escripta pelo sandoso sr. João Pires de Aguiar e é a seguinte:

O territorio deste municipio fazia parte do de Mogi-Mirim.

rim e estava comprehendido nos terrenos denominados "Aréas do Secretario" — respeitados pelos sertanejos.

Não obstante, Antonio Manoel de Oliveira (vulgo Antonio Machado) e seus cunhados Ignacio e Francisco Cândido, vindos de Itajubá, (Minas), internaram-se nestas terras pelos annos de 1822 ou 1823, fazendo arranhação na confluência do rio Jaguary com o corrego de S. João, que deve o seu nome ao facto de terem ahi chegado os primeiros habitadores na vespera de S. João Baptista.

Antonio Machado tomou posse dos terrenos regados pelo Prata e da margem direita do Jaguary até o Rio-Claro, estabelecendo sua morada á margem direita do Prata, defronte do angulo do patrimonio do cemiterio velho.

Ignacio Cândido apossou-se das terras da margem esquerda do Jaguary, fazendo sua morada na chácara denominada Ponte do Jaguary.

Francisco Cândido apossou-se dos terrenos regados pelo ribeirão da Cachoeira.

A esses primitivos povoadores se aggregaram, pouco a pouco, novas famílias que vinham atraídas pelas notícias desta zona esplendorosa e opulenta.

Vagarosamente as bellas florestas iam dando lugar a extensas roças; modestas habitações e inúmeras choças se foram construindo nos descampados e sob as mattas.

Em 1824, Antonio Machado e sua mulher D. Mariana Maria de Jesus, em cumprimento de um voto que fizeram a Santo Antonio, doaram um terreno para patrimonio da futura povoação, dando assim origem á actual cidade.

Mais tarde, vindo a este logar Monsenhor João José Vieira Ramalho, que então residia na sua fazenda de Pinheiros, prometeu aos moradores obter a criação de uma capella no povoado, sendo, porém, S. João Baptista o respectivo orago, ao que accedeu Machado.

Este sacerdote, continha a tradição, foi o primeiro que celebrou missas no logar, vindo de sua fazenda, todos os domingos, até que foi nomeado cura da capella o padre Joaquim Sigar.

Monsenhor Ramalho mudou sua residencia para a povoação onde fez construir alguns predios e montou diversas fazendas.



São João da Boa-Vista

PEQUENO HISTÓRICO:

A seguir o leitor encontrará uma pequena noção histórica biográfica da fundação da nossa cidade; em vista da falta absoluta de dados verdadeiros sobre a instituição de S. João da Boa Vista, como é de todos sabido, vimo-nos na contingência de colher algumas notas comprovantes, com um dos homens mais antigos aqui da terra, sendo-nos indicado sr. Benalas Pereira de Mello, irmão do nosso saudoso e querido professor de música Aquilino P. de Mello, natural do município de Itajubá (Minas), tendo vindo para cá com treze anos de idade, e aqui conviveu à mais de setenta anos; conheceu todos os antigos homens, já velhos n'aquele tempo, que aqui conviveram, dos quais numera os nomes de diversos, na longa informação que se promulgou a dar-nos carinhosamente o que nos desvaneceu sobremaneira, e as quais reputamos.

Tal como nos notificou, as transcrevemos, na simplicidade de sua linguagem e bôa retentiva que o caracteriza, sem preocupação no rebujo bombástico de estylo, embora haja falhas e senões, como a falta de menção das datas que se relacionam com os factos, isso em nada absolutamente desmerece o grande valor dos dados do bom velho. Vejamos pois:

Em 1820 o município de S. João da B. Vista era sertão bruto. Antônio Machado e seus irmãos: José, Cândido e Francisco Machado, todos naturais da província de Minas, vieram para aqui e apassaram-se

das terras, cada qual tomou o seu quinhão de terra e edificou a moradia, voltando depois buscar as suas famílias que residiam em villa da Campanha (Minas).

Convidaram outros parentes e amigos para que viessem com eles para estas partes, prometendo a doação de quinhão

da Cascata, onde está a fazenda do sr. José Marçal Nogueira de Barros; Antônio Rabello de Carvalho Junqueira, estabeleceu-se no Paldó, suas terras atingiam até à estação da Prata; Vicente Francisco Ferreira, nas margens do ribeirão da Prata hoje é a fazenda de Dna. Francisca viúva, do falecido Gabriel Garcia da Costa; José

no Bairro Alegre; José Antônio Barbosa, na fazenda que hoje é dos herdeiros de José Procopio Sob. Alliança; José das Naves, nas margens do correço S. João, estrada que vai à Alliança; José da Costa na Gramma, limitando-se com a fazenda S. Pedro; Manoel F. Guimaraes, bisavô do cap. José Guimaraes, residia em Caldas, comprou dos apossantes as terras da fazenda 21 de Abril, seu filho Joaquim Francisco e seus genros José Christófimo e Francisco Rodrigues Freitas, foram quem construíram a moradia; Boaventura J. de Mello, na fazenda Campo Triste; José Gonçalves Vallim, bisavô do major Tereziano Vallim, no Imbiruçu; José Garcia de Oliveira, pai do cap. José Garcia de Oliveira Filho, no Paradouro, hoje Aurora; José Garcia Leal, desde a fazenda do Rio Claro até à Lagoa Formosa; Domingos Nogueira, no Bairro do Rio Claro; Francisco Bernardes da Costa, Ignacio Borges Carvalho, na Serra dos Mirantes; Gabriel Rabello Carvalho e seus irmãos Joaquim e Claudio Rabello de Carvalho, nas terras de seus pais, no distrito de Vargem Grande; tenente João Thomas Andrade, na Fartura, Francisco e Antonio Dutra (os velhos) rizaz do Mirante; Vicente, Francisco e Felipe da Rosa Góes, nas margens do Ribeirão dos Porcos, Caniu-Gallo.

Foram, enfim, esses os primeiros homens que povoaram este município.

Como as famílias dos apossantes se multiplicavam e cresclam, sem se rem baptizados, era necessário buscar um padre, o qual fôra o padre Mathieu, vigário da paróquia de Mogy-Guassú, baptisou todas as crea-



DR. JOSÉ P. D'ANDRADE JUNIOR

Prefeito Municipal incansável e de uma dedicação sem par à nossa terra, que bela e adiantada como está, em maior parte, deve à brillante administração do nosso homenageado.

de terra, pois que era superior e fértil, esplendida água potável. A notícia correu mundo, não só a fertilidade das terras, grandes matas com abundância de madeira para construção, affluiu dali uma infinitade de compradores das terras apossadas pelos Machados, e aqui vai o rol, dos compradores: —pela banda da Cascata, José F. da Costa Junqueira, fez sua morada pouco abaixo da actual estação

Quirino, no Bairro Alegr; cap. Joaquim José d'Oliveira, na Pratinha; cap. Luiz Antonio de Oliveira, na Cachoeira; Matheus Ferreira Martins, na Barra; Antonio Luiz Ferreira, residente em Caldas, comprou as terras que hoje está a fazenda Lage e as dos herdeiros de Gabriel Francisco; Manoel Luiz de Andrade, bisavô do sr. dr. João B. Boa Vista, e Manoel Pereira da Silva, estabeleceram-se

"O SÃO JOÃO"

cas e celebrava as missas numas capelinhos cobertas de folhas de palmitos, ao redor, feixada com as mesmas folhas, edificada para esse fim, no lugar onde era a fábrica de fogos de Laurentino da Silva, e fora ali que foi dita a primeira missa, a seguir pediram que benzesse um terreno que iria servir para cemiterio, que é de frente à casa do sr. Pedro Westin.

A doação do patrimônio e como se fez

O quinhão de domínio de Antonio Machado, confrontava com o de José das Neves, por não se poderem entrar em acordo, certa vez, por questão de demarcação, demandaram; Antonio Machado muito devoto, fez uma promessa a Santo Antônio, se ganhasse doaria o terreno para o patrimônio de Santo Antônio, e ali seria edificado a sua capela.

Realisou-se o milagre, ganha a demanda, um dia chamou seus filhos e lhes contou o facto, procedendo depois a demarcação do terreno que devia pertencer ao padroado da capela o qual começara pelo vallo acima, que servia de divisa com José das Neves, até aos dois Jatobazeiros então, existentes no lado da Avenida d. Gertrudes, de hoje, e destes até à cachoeira do rio Jaguari, destes, abaixo seguindo até à barra do Rio da Prata, fazendo frente com o espingão, que vem até ao correjo, do correjo acima até no vallo onde teve inicio a demarcação.

Temos depois veio para aqui o padre José Vieira Ramalho, comprando as possessões a preços limitados, com intuito de construir fazendas e laborar a terra, iniciando assim os concun-

rentes a comprá-las, por preço da época e a prazo longo.

Construiu a fazenda que a denominou Pinheiros, boa casa de morada, palões, engenhos a cilindro para moer canna, engenho de serra, olaria, azenha, tudo movido à força d'água; igualmente construiu a fazenda Gloria, de S. Pedro e do Jaguari.

A fazenda Pinheiros fora vendida ao cap. José Ribeiro; a de S. Pe-

dro no patrimonial, no qual morava, tendo ao fundo a sua fazenda.

Pelos lados do bairro das Posses, no Campo Triste, José Eleuterio Machado fez sua moradia; o cap. Luiz Antonio Ferreira, no bairro Correjo Fundo, era pai de Lourenço Ferreira Castro e avô de Luiz Teixeira; todos esses homens também fazem parte dos primeiros colonizadores de São João.

Na revolução de 1842,

achava na parochia, por nomeação do bispo D. Antônio de Mello; em 1858 foi ministrado o chrisma por esse mesmo bispo.

Antes do padre José ordenar-se, o padre Joaquim de Amorim Sigarra era o vigário da parochia, este foi removido para a de Jahú após a nomeação do padre José para esta.

A capela de S. João da Boa Vista fôr elevada à freguesia em 1838, à vila em 1859, à categoria de cidade em 1880 e à de comarca em 1885.

Philantropia dos antigos proprietários parochianos.

Quando S. João da Boa Vista fôr elevado à categoria de capela, os mais abastados proprietários reuniram-se para discutir-se o lugar em que deveria ser construída uma casa a ser doada a S. João Baptista, padroeiro da capela, e seria a residência do primeiro padre que o bispo nomeasse para cá como vigário geral, sem retribuição alguma, e assim sucessivamente. Em caso de falecimento ou remoção o substituinte gozaria da mesma regalia. Ficou deliberado a ser construída no largo da capela.

O primeiro a residir nessa casa fôr o padre João Ramalho, até que edificou a sua casa particular, que é hoje o sobrado da exma. sra. d. Francisca de Oliveira Coimbra, ali residiu também o padre Joaquim Amorim Sigarra. Depois do falecimento do padre Ramalho, o bispo d. Antônio de Mello removeu para a parochia d. Jahú o padre Joaquim e para o padre José, que residiu na casa doada a S. João mais de 43 anos, faleceu.

A igreja Matriz passou



CAP. LAURO MACIEL DE GODOY
Ilustre e filantropico vereador
da nossa Camara Municipal

dr. ao ten. cel. Joaquim Floriano de Araujo; a da Glória ao cel. Augusto José Ribeiro e a do Jaguari ao cap. José Tavares Coimbra.

O cap. Manoel Tavares Coimbra comprou as terras que aram ligadas ao patrimônio, abrangendo a estrada que vai ao Campo Triste, limitando-se com a fazenda Gloria, 21 de Abril, Gramma e partes das terras da vila de S. Antônio.

Tavares fez o sobrado que fazia frente ao ter-

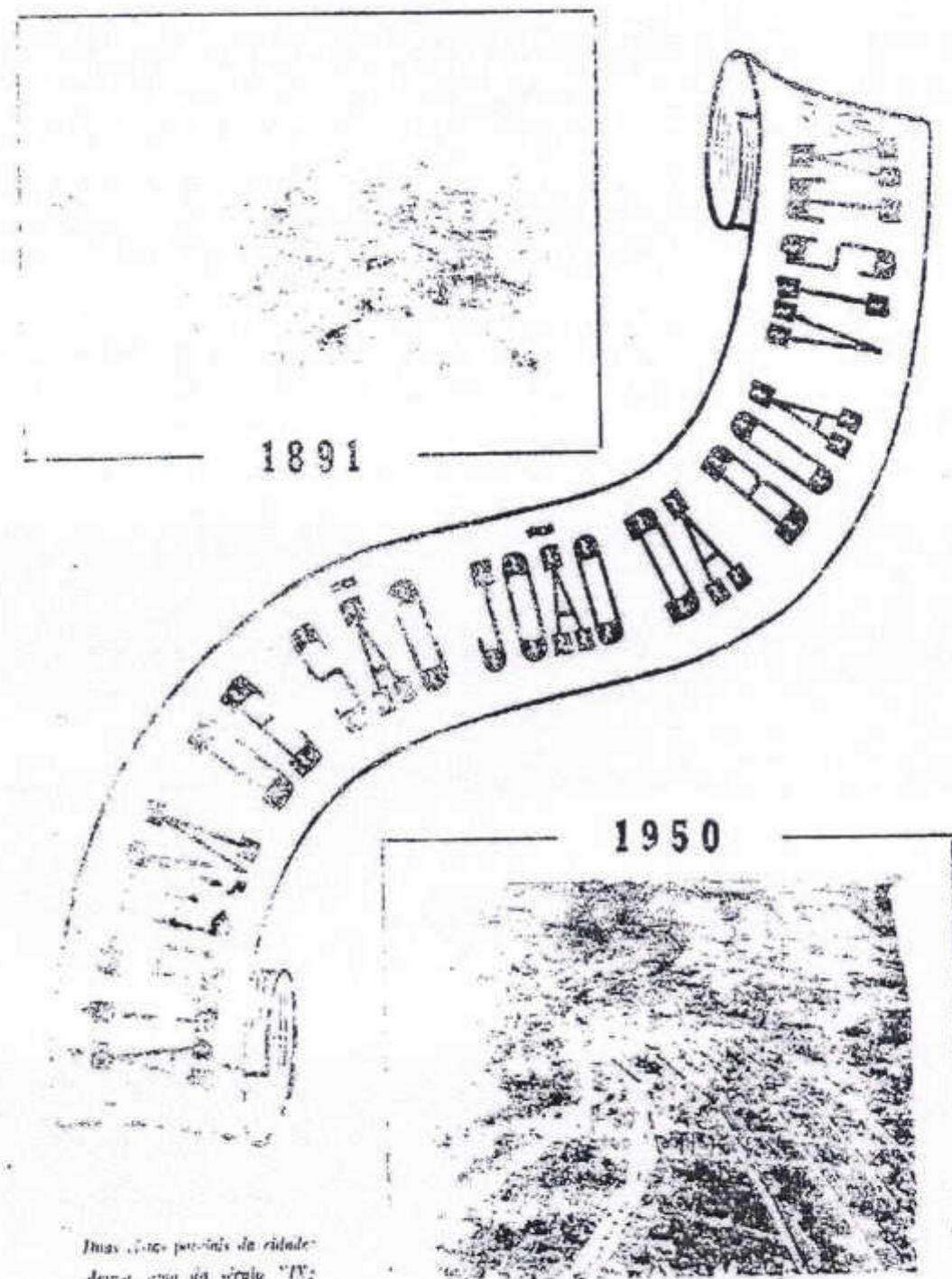
o padre João Ramalho formou um contingente para marchar em direção ao Rio da Janeiro, e bater-se ao lado do governo, e nessa mesma ocasião foi eleito senador do império, mas infelizmente veio a falecer pouco depois, isto no ano de 1853.

Com o patrocínio do padre Ramalho, começaram a construir uma bem feita igreja, mas só em 1859 conseguiram os tra-

balhos, já o padre José Valeriano de Souza se

ANEXO 8

MEMO-UT



Dois mapas parciais da cidade:
Acima: anno da estrada "IV";
abaixo: anno 1950.

dr. J. J. DE OLIVEIRA NETO

A peça de Thornton Wilder tem significado para todos os povos civilizados, não importando país, nem raça, nem crença.

NOSSA CIDADE, que não pode ser capital, ou industrializada mar, um a dois milhares de casas, onde a maioria deve conhecer-se e interessar-se uns pelos outros.

Grover's Corners é o modelo de todas elas. Os seus três atos são os momentos mais importantes da vida de cada um de nós: adolescência, casamento e morte.

Se fôssemos, mas nós vamos, comparar São João da Boa Vista a Grover's Corners, chamariam também o diretor de cena invisível que nos explicaria:

Nossa cidade começou pelos anos de 1822 a 1824, não se podendo precisar datas, pois os documentos, se é que existiram, perderam-se com a morte do seu provável posuidor — o padre João Ramalho. O território fazia parte de Mogi-Mirim, compreendendo entre os terrenos denominados "áreas do Secretário". Os Machados, Antônio Manoel de Oliveira (vulgo Antônio Machado) e seus cunhados Ignácio e Francisco, vindos de Itajubá, seriam os primeiros povoadores, e teriam dado o nome de São João ao lugar, porque o dia da sua chegada era o dia da véspera de São João Batista. Esta lenda foi escrita por João Pires de Aguiar. É tão simples que poderíamos acreditar-lá como verdadeira. O mesmo Antônio Machado doou o terreno para patrimônio da futura povoação. Monsenhor João José Vieira Ramalho veio da sua fazenda de Pinheiros e garantiu aos moradores da capela. Mais tarde, quando cumprida sua promessa, vinha aos domingos celebrar a missa. Acabou mudando-se para São João onde foi proprietário de fazendas e de casas. O patrimônio tinha 14 alqueires, com denominação de Fazenda das Almas, do Sacramento e do Rosário, en-



É a outra Praça que ornamenta a cidade. 2º a Coronel Joaquim José, romântico e encantado sempre

globado em São João da Boa Vista.

Padre João Ramalho tomou parte na revolução de 42; provavelmente os côrregos do Quartel e do Polvarinho, assim como a serra do Paiol tiveram seus nomes devido ao movimento. Diz também a lenda que o verdadeiro fundador da cidade morreu quando celebrava a missa de São João, que por um motivo qualquer, fôr transferida do dia 24 para o dia 26 de junho de 1853.

Mas será tudo isso verdade? Dizem outros que não; que já no século XVIII passava por onde está a cidade uma estrada que ia ao sul de Minas; que ao longo da via de comunicação muitas casinhas foram construídas; que as terras foram dadas em sesmaria e uma delas pertencia ao padre Junqueira e este sendo amigo do padre Ramalho, daí o interesse que teve pela fundação do povoado e compra de terras no lugar.

Como quase todas as cidades do mundo a Nossa Cidade tem pequenos mistérios na sua origem.

Mas quando vêm os documen-

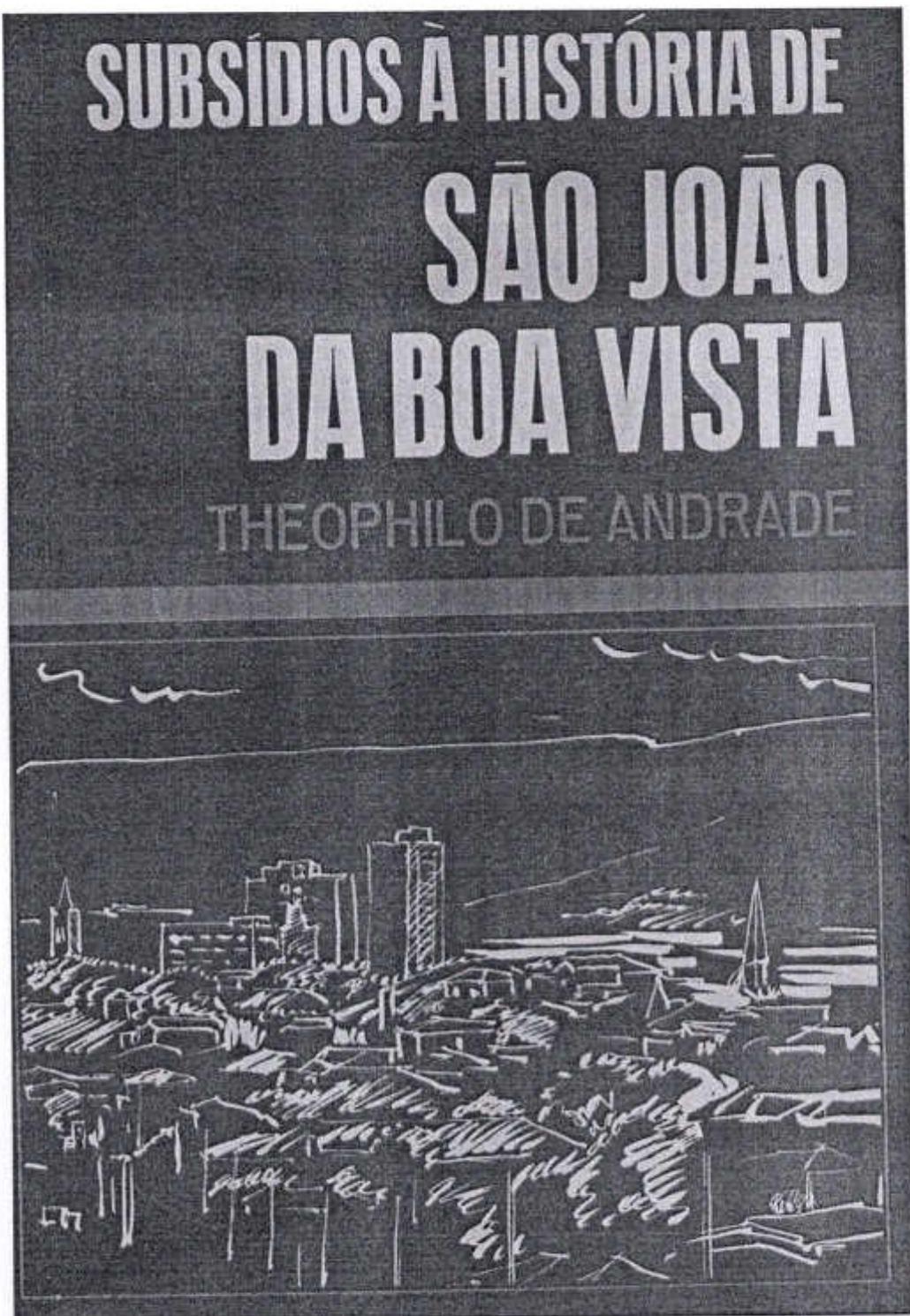
tos tudo se esclarece de maneira prosaica: pela lei de 28 de fevereiro de 1838 foi São João da Boa Vista elevada a Freguesia. Era assim o texto: "Bernardo José Pinto Gavião Peixoto, Cavaleiro da Casa Imperial, Comendador da Ordem de São Bento de Aviz, condecorado com a medalha de distinção das campanhas do Sul, Brigadeiro de Lusitânia e Presidente desta Província de São Paulo, faço saber a todos os seus habitantes que a Assem-

FARMÁCIA SANTA LUZIA

■
Farmacêutico:
Braz Nicola Sabino

■
Praça Armando Salles, 107
Phone, 1-3-2

ANEXO 9



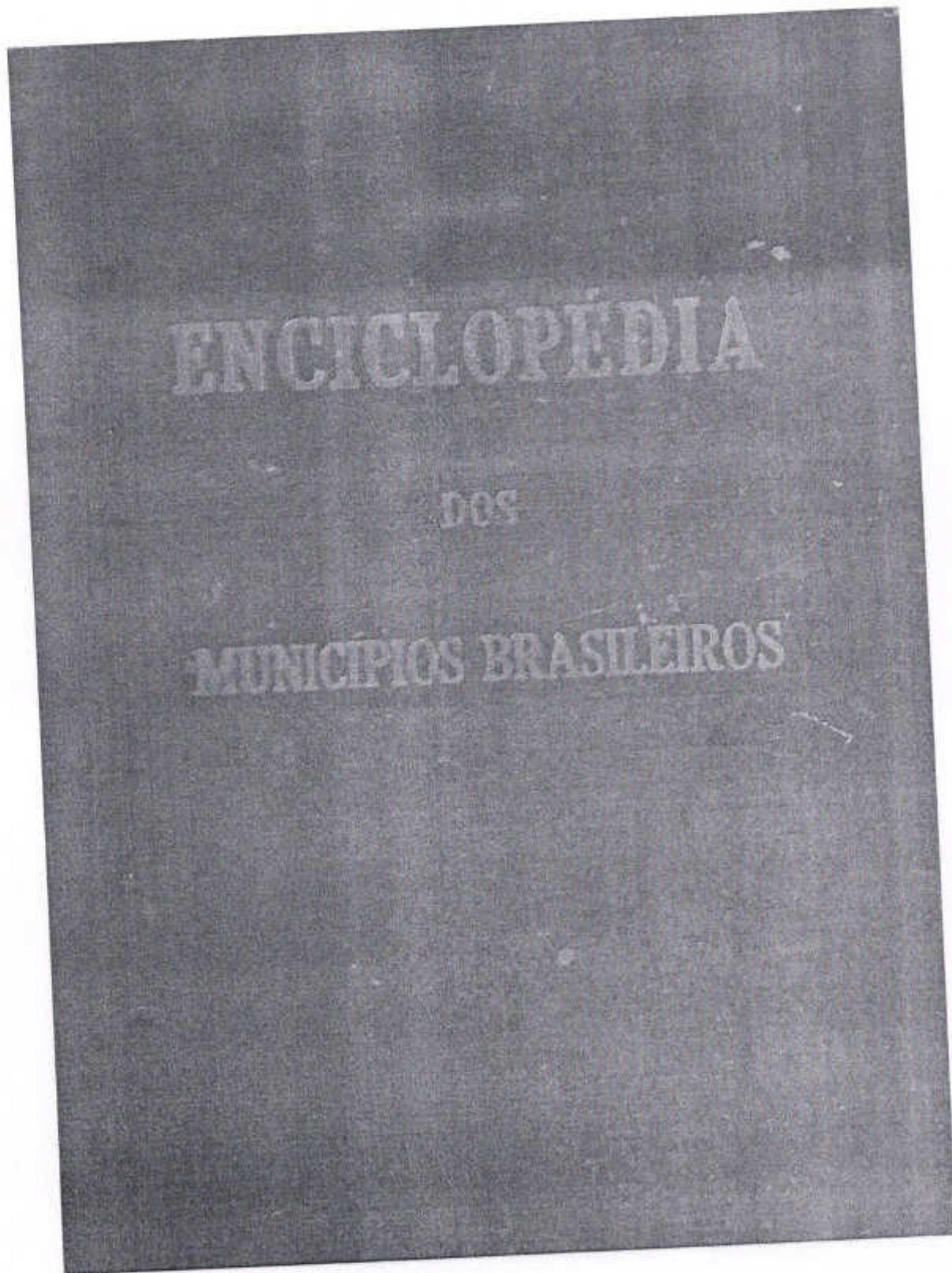
O TERRENO E A CAPELA

Não desejando penetrar no campo das divagações e pormenores sobre a fundação da cidade e aceitando a versão de que esta teve inicio após a doação do terreno feita por Antônio Machado e sua mulher, em 1824, por intervenção do Padre João Ramalho, começarei por esses venerandos vultos a dizer quais os pioneiros e principais cooperadores da formação da nossa cidade e do desenvolvimento do município.

A figura do Padre João Ramalho avulta entre os formadores da povoação, e este fato não sofre qualquer contestação, como se verifica da versão apresentada por todos os cronistas e de artigos que, com apoio neles, escrevi na «A Cidade» de 24 de junho de 1938, por ocasião do primeiro centenário da freguesia.

Não obstante já serem bem conhecidos os traços marcantes da personalidade do nosso João Ramalho, renovo ligeiramente nesta nota alguns dados sobre a sua larga trajetória na vida desta cidade e de outros municípios da então Província de São Paulo.

ANEXO 10



PARTICULARIDADES ARTÍSTICAS — Entre os monumentos de maior interesse a Catedral, um dos maiores templos católicos do país, cuja altura total chega a 60m e abriga espécie de altar móvel. No bairro da Encantada, a poucos quilômetros da cidade, existe a capela de N. S. Aparecida, ponto de atração de turistas, estando ao lado da capela uma "sala de madeira". No tempo Pequeno Episcopal viveu o São P. Joaquim Benedito de Faria, autor de numerosas tradições da pastor píquio. Benedicto Calixto.

PARTICULARIDADES GEOGRÁFICAS — São Carlos é banhada pelas rios Mogi-Guaçu e Socorro-Guaçu, cujas águas se unem a algumas dezenas de quilômetros da sede municipal. A vegetação da cidade é abundante.

MARCAÇÕES HISTÓRICAS E EPÉMERIDES — Nasceu em Município Igreja Matriz São Carlos. A presidente madame e a sua padroeira (S. Carlos Barroso) e 4 de novembro. Historicamente nas duas catedrais a Nossa Senhora das encantadas a Igreja de N. S. Aparecida no período de 1811.

VOLTOS ILUSTRES — São Carlos contou figuras e São Carlos, embora capaz de outras cidades, entre outros: Conde de Prado, Barão político do Império Cel. Pandini, Conde de Aracruz, Barão, protagonista da Revolução, Carlos Barroso, sócio de renome americano e ex-ministro da Agricultura em S. Paulo, Dr. Dr. Dr. Afonso Vidal, político e cultor; Carlos de Carvalho, reformador da clandestinidade brasileira; Araripe Amorim, poeta e membro da Academia Brasileira de Letras, que nascido nessa vila em São Carlos Cláudio Graciliano, humorista e político; Manoelino Barroso, político; Pedro Sales, político; Domingos Sales, político.

ATRAÇÕES TURÍSTICAS — Não só no Município existem turismos propriamente ditos. São Carlos, possui grande potencial de seu clima e paisagem do seu parque industrial, é freqüentemente visitada, observada, entre outros lugares de atração turística, a Estação Eletro e a Fazenda Experimental de Caçapava do Município de Agricultura, Indústria e Comércio, na estrada de Caçapava, Fazenda Santa o Município, uma fonte de água redondinha, banhada por rios, sita na Fazenda Santa e 3 km de coladão, pertencente ao grupo das cataratas (11,5 metros por largo). E indiscutível para sua beleza, etc. turística.

OUTROS ASPECTOS DO MUNICÍPIO — A documentação local das instituições do Município é "incompleta". São Carlos tem os registros de "cidade nova" e "Althus paulista". Projetou-se no aniversário nacional como centro industrial e futuro, grande produtor de cana-de-açúcar e leite, etc. Os resultados de ação social de trivulzina, salinas e outras exposições pela Fazenda Experimental de Caçapava têm alcançado importante internacional. Verificadas em estrada N. Número de estradas (aniversário de 1956) 16 020. A fábrica e sede de exposições separadas, públicas e particulares de atração regional. Achasse em construção importante hotel de 7 andares.

OUTROS ASPECTOS — O Fábrica e o Sítio Althus Viana Fazenda.

Fonte: — Agência Municipal de Desenvolvimento Industrial, São Carlos, São Paulo — A.M.D. — São Carlos.

SÃO JOÃO DA BOA VISTA — SP

Mapa Municipal na pag. 279 do 10º Vol.

HISTÓRICO — As origens de São João da Boa Vista apresentam pontos controversos que jamais serão perfeitamente esclarecidos, pois se houve documentos que poderiam esclarecer dúvidas surgidas, estes perderam-se na noite dos tempos.

Acresce-se como fato comprovado que as terras que formam hoje o município, pertenciam a Mogi-Mirim e foram ocupadas por Antônio Manuel de Oliveira, (vulgo Antônio Machado), que juntamente com seus cunhados Ignácio e Francisco chegaram às margens do Jaguari, vindos de Itapetininga no ano de 1822 ou no de 1824.

Antônio Machado doou o terreno para patrimônio da futura paróquia e erguida a capela sob o patrocínio do Monsenhor José José Vieira Ramalho, este vinha de sua fazenda Paineiros, a fim de celebrar missa aos domingos e posteriormente celebrar batismos e matrimônios.

Nessa viagem, Monsenhor tomou-se de amônia pelo passageiro incômodo acabando por mudar-se para lá, adquirindo propriedades rurais e casas na parte povoada.

Padre Ramalho deve ter sido um interessante tipo de pároco; era destrômido e sabia batalhar pelas suas opiniões políticas, tomou parte na revolução de 1842. Ainda hoje existem na estação da Prata os corregos do Quartel e do Polvorinho, assim como a serra do Puió que deve ser reminiscência dos nomes dados a pontos estratégicos utilizados nas empreitadas bélicas do ativo sacerdote.



Igreja Matriz



Vista Aérea

O nome da cidade deriva-se do lote segundo. Os Mestrucci chegaram aqui em véspera de São João e resolvendo dar o nome do santo festejado, um pouco mais se intitularam.

Quanto ao resto do nome da cidade, (da Boa Vista), explicam os paisagens encantadoras que se descrevem das serras e da rasteirinha montanha de círcos que essa terra apresentam, aos que se admitem da cidade.

Em 28 de fevereiro de 1838 o pequeno povoado foi elevado a Freguesia e em 24 de março de 1859, a Lei provincial nº 12 elevou a Freguesia à vila.

Encontra ainda nos arquivos da Prefeitura Municipal, o Ata da instalação da nova vila, cerimônia realizada em 7 de setembro de 1859.

Em 28 de fevereiro de 1858 o pequeno povoado foi elevado da Boa Vista à categoria de cidade, passando desde então a prerrogativas de contar voto Juiz de Direito e fôrum local.

O verdadeiro patrono do município foi Monsenhor José José Vieira Rangel para ser seu patrono e seu padroeiro não se desentenderia o pequeno borgo a ponto de querer

ser considerado por grande e nobre concorrente de sua capela para a realização da missa dominical e das missas-matutinas. Padre Rangel faleceu em 1869 e quando seu programa propõe a sua morte, aponta que sua morte deve ser considerada de grande valor, não só para o progresso eclesiástico, mas para o progresso social.

Com os céus de Mogi das Cruzes, muitas vezes desejando e desejando para o progresso para fidelizar o fidelíssimo seu sacerdote e confortar seus sacerdotes mais adoráveis e bons à Capital da então Província de São Paulo.



Vista Aérea



Vista Aérea

O sacerdote compreendendo a grande sorte e os votos de Aqui Tenho Certeza!, Vougan, Gaudêlio e Freitas fizeram o desejado de sempre possuir uma igreja nova, erguendo em 1869 a igreja progressista, digna reflexo da sua fidelíssima católicidade.

Muitos eram e permanecem seres ignorantes, outros com muitas pretensões engajadas e assim faleceu Padre José José Vieira Rangel faleceu de propriedade Juiz de Direito e fôrum, deixando grande lacuna e a vila em grande desespero, encolhendo-se grande território que abrangia o Jardim

ANEXO 11

JOSÉ OSÓRIO DE OLIVEIRA AZEVEDO

HISTÓRIA
ADMINISTRATIVA E POLÍTICA DE
SÃO JOÃO DA BOA VISTA
(1896 a 1932)



EDITORASARANDI



Pedra fundamental do monumento ao Centenário de fundação de São João da Boa Vista (24/06/1924)



Cápsula encontrada junto a pedra fundamental do monumento ao Centenário da cidade.

ANEXO 12



PREAMBULO

Não é, infelizmente, possível, recorrer com exatas dadas à história da fundação da cidade de São Paulo, as tradições mais ou menos errôneas, faltam-nos os documentos ingleses e americanos, que só poderiam nos fornecer a povoação de uma longínqua colônia portuguesa perdida nos arquivos. Mas talvez, quando se tivesse a critica referente aos aspectos religiosos como batizados, casamentos, enterros, etc. E possível que nos restarem em poder do padre João Ramalho: (1) Fazenda com outros papéis relativos à fundação da cidade, e que se perderam quando ele veio a falecer. Para a compilação destes papéis, os Beneditinos de São Bento, os escrivões e as declarações de várias pessoas e entidades, entre as quais: o por então secretário de Oliveira Arrevedo, Dr. João Pires de Aguiar, Dr. Joaquim José de Oliveira Neto, Dr. José Joaquim de Exército, a biblioteca do Museu Histórico e Pedagógico "Armando Soárez de Oliveira" no Instituto Histórico e Arqueológico do Palácio dos Bandeirantes em São Paulo, etc. Esta lista de dados, de tempo, e a mais ou menos, mais fielmente o relato, e, por isso, ao fim de presente resumo, histórias publicadas algumas vezes e outras, atingimos na história e nas lendas, não assumindo responsabilidade alguma quanto as dadas, tanto é que, não queriam a publicação desde ALMANAQUE. Não desejando entrar em polêmica com ninguém, e por simila razões com os mais variados historiadores da cidade, na frente dos quais recolhemos - ignorância, e, aceitando os dados oficialmente divulgados pela Autarquia local, agimos de maneira a servir, inicamente, o nosso trabalho.

115 - PRIMEROS MOLECULAS

O território desse Município, fazia parte do de Moji-Mirim, ba-
chado nos territórios denominados "Áreas do Secretário". Em
1830, o território em que se encontra São João da Boa Vista, era se-
lado bruto. A estrada de Goiás vi-
nha de Ilhéus (atual Aguiar), e
ali dirigia-se para Caxias Brancas.
Nossa vila era ainda coberta de
matas. Em 1831 chegou de Minas
Gerais o guarda-nos José Antônio
Dias de Oliveira, bándido português,
condado com a Ana Maria Freixo
de Oliveira Vilela com filhos e
escravos, para instalar-se na
fazenda "Campo Triste", propriedade
que havia sido comprada dos
herdeiros do senhor José Doca
em 1817. (2) Em 1834 chega de
Juazeiro com sua família e poucos
escravos, Antônio Matheus Siqueira
(tulgo Matheus), acompanhado
também pelos seus companheiros
Francisco, Pedro, e Inácio Góis.
Eles, todos naturais da província
de Minas, instalaram-se em uma
caatinga primitiva localizada na
margem direita do correio São
João. Apossaram-se das várias
terras das quais cada um tomou
o seu quinhão, e comodaram-se o
resto de suas famílias, considerando
no mesmo tempo outros parentes
e amigos, prometendo a doação
de terras para pessoas farras e
com outras suas posses.

Estes fatores foram considerados por muita gente, não somente pela fertilidade da terra, mas também pelo excesso de grandes matas com abundância de madeira ótima para construções. Além disso, havia abundância de correspondentes qual se tiraram as sementes, dando resultado definitivo. Entre essas lembranças, Júlio César Gonçalves

Valim (presumivelmente desce-
nente do italiano do venez.), Ma-
thias Pereira Martins (1804), Mi-
cione de Lima (1807), Dr. José
Pereira, Luiz Antônio de Olived-
ra, Gabriel (padre) Carvalho, o
seu irmão Joaquim e Cláudio
Manoel Luiz de Andrade (filho
do Dr. João Bento Viana) e outros.

As famílias dos demonstradores da Escola permaneceram e outras vieram, mas não eram nem tantas nem tantas. Desapareceram as qualquers suspeitas relativas ao fato, foram feitas a piedade e alegria, a gôrila da Pintura de M. J. Gómez que, depois de ter registrado a catorze e vinte e duas das suas cestas, certamente se achava em casa. Companhia nobreira e nobreza com fadas de palhaço. A pedra da escadaria foi removida em seu novo localizado quando houve todo o Baile do Rosário, 1911, que se serviu para celebrar o Centenário, transferido em sua segunda versão, no lugar onde hoje está a Praça Cel. Joaquim José de Almeida, na definição, no lugar donde se encontra o monumento.

1800-1802

O Antônio Macrôn, quando
imediatamente com o proprietário
das terras que continham suas
propriedades, etc., etc., para
obter deles suas terras que
era de propriedade para o Macrôn
e sendo este sócio desse, ter esse
proprietário, o S.º Antônio de
questão se solucionou. Fazendo
desse um terrão que seria adi-
cional à Capela do Senhor e ficaria
para a festa da Macrôn. Antônio
e todos que desejavam de terra
e o proprietário respondeu de im-
ediato assim. Na proximidade
desse terreno, situavam-se a
fazenda de terraço.

ANEXO 13

HISTÓRIA DE SÃO JOÃO DA BOA VISTA

TEXTO

MARIA LEONOR ALVAREZ SILVA

PESQUISA

MATILDES REZENDE LOPES SALOMÃO



Cândido de Figueiredo, no seu *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*, dá como sinônimo de agregado, aqui no Brasil, os termos: criado, servicial. Fica então bem esclarecido que D. Ana Maria Franco, viúva do guarda-mor, José Antônio Dias de Oliveira, representada por seu curador, o alferes Joaquim Gonçalves Valim e seus filhos emancipados, sabendo que os seus agregados, cujos nomes já foram citados, haviam se reunido em habitações próximas uma das outras, nas terras de sua fazenda Campo Triste com o objetivo de formar um pequeno burgo, recorreram à Justiça para impedir essa ocupação ilegal. Não tendo pretensões urbanísticas, procuraram as autoridades em Moji-Guaçu para impedir que se formasse uma vila, dentro de sua fazenda Campo Triste. Por terem procedido assim e não recorrendo à violência, como era costume naqueles tempos é que hoje podemos afirmar sem receio de engano, que foi em 1830 que surgiu o primeiro ensaio urbanístico, daí que viria a ser a cidade de S. João da Boa Vista, pois as datas são claras, no documento encontrado em Moji-Guaçu.

A História é uma ciência social. Para estudá-la e desenvolvê-la, existem duas fontes. Uma é a tradição. Outra, a documentação. Uma não pode prescindir da outra. Dai o fato irreversível: S. João da Boa Vista surgiu no ano de 1830, por ter aquele grupo de agregados da Fazenda Campo Triste, desejado "formar vila". Intimados a desocupar o lugar, no prazo de um ano e não sabendo escrever, assinaram "de cruz", como era costume.

Um deles, entretanto, João Manuel Pereira, "renegou o sinal", isto é, não quis assinar. Entretanto, as casas não ficaram vazias e o número de moradores foi aumentando. Em 1832, conforme *Livro de Tombo da Freguesia de Moji-Guaçu*, existente na Cúria Diocesana de S. João da Boa Vista, à pág. 47, há um requerimento dos moradores do povoado, apresentado ao Vigário-Geral e Provisor do Bispado, solicitando a curadoria de sua Capela. Esse requerimento pede que o Vigário-Geral determine aos párocos de Caldas, Casa Branca e Moji-Guaçu que cedam seus emolumentos "a benefício do capelão curado". Como resultado, os párocos de Caldas, Casa Branca e Moji-Guaçu, respectivamente Reverendos Antônio de Carvalho Pinto, Francisco de Godóis Coelho e Matheus José Leite, abriram mão de seus emolumentos nas diversas partes das regiões a que tinham direito de vicariato, para que pudesse ser

Filho: uma parte de terras pela sua legítima paterna, no valor de 17\$000; nas terras do Ribeirão Claro, no valor de 50\$000. Os herdeiros foram contemplados com terras no Rio Claro. Escrivão da Vila de Moji-Mirim, Francisco Monteiro da Silva".

Nesse mesmo documento existe uma petição assinada pelo Padre Joaquim Feliciano de Amorim Sigar, apresentando as terras do Rio Claro, como divisas por ele calculadas (pág. 13, verso) e solicitando que se adjudicasse à viúva Mariana Vicêncio, mecia na herança deixada por Antônio Manoel de Siqueira, as "rodas de fiar" e dois "tachos", e para o abentistato, aplicado nos sufrágios, a bem da alma do falecido, a quantia de 10\$000.¹⁶

Sendo todos os membros da família analfabetos, o Padre Joaquim Feliciano de Amorim Sigar, primeiro sacerdote nomeado para a Freguesia, assinou por todos, inclusive pelos órfãos a rogo dos mesmos. Até agora, a família, ou antes, os *Irmãos Machado*, foram sempre considerados como os primeiros a chegar em nossa região, os fundadores da localidade. Entretanto, tudo que foi escrito até agora, estava baseado na tradição. Ora, nem sempre a tradição alicerça-se na verdade histórica. Por mais bem intencionada que esteja, em dizer a verdade, uma pessoa não pode estribar-se na memória ou no "ouvi dizer". Daí a busca determinada e sistemática, que vem sendo feita, em todas as fontes onde é possível encontrar as bases para a História de São João da Boa Vista e o encontro de documentos e datas, que estabelecem definitivamente os fatos históricos, sobre a origem do município.

É necessário repetir que a História baseia-se na tradição e nos documentos, mas estes, serão sempre os últimos a definir uma questão e a esclarecer uma dúvida, pois permanecem nos Cartórios, indiscutíveis e inalteráveis a proclamar através dos dizeres registrados, tudo que aconteceu no passado e que pode ser inscrito, para orientar os futuros historiadores.

A Antônio Manoel de Siqueira pertence a glória de ser um dos primeiros povoadores da região, mas não foi o primeiro a chegar aqui, com sua família, como sempre constou nos

16. Autos do Inventário de Antônio Manoel de Siqueira Machado, Cartório do 1.º Ofício de Moji-Mirim, maço n.º 115.

Anais de São João da Boa Vista. Foi entretanto o primeiro doador de terras, para o Patrimônio da então Freguesia. Lavrador, proprietário de extensa gleba, embora homem rústico e de trato humilde, possuía entretanto, generosidade e amplidão de vista, para abrir mão de uma pequena parte de seu patrimônio doando-a para que o arraial incipiente, pudesse ter seu patrimônio, a sua primeira rua alinhada, com a denominação de rua Santa Cruz.¹⁷ Pioneiro e benemérito, estes são os títulos com que podemos fazer referências à sua memória. Apesar de analfabeto, deve ter sido um dos que assinaram em cruz, ou dos que solicitaram que a capelinha de tábuas, visitada até então por sacerdotes itinerantes (padres com espírito de missionários), fosse curada, isto é, tivesse um padre a dirigir-lá permanentemente, assistindo espiritualmente aos primeiros povoadores da Freguesia.

Pelos documentos consultados, observa-se que a Freguesia, isto é, a parte urbana dela, situava-se toda, junto ao Córrego São João. Tanto a capelinha, como as primeiras casas, foram erguidas ali nas proximidades e o Padre Joaquim Feliciano de Amorim Sigar, primeiro sacerdote nomeado, convivia com a família de Antônio Manoel de Siqueira, sendo Curador de seus herdeiros menores e tendo assinado o inventário, porque os filhos do inventariado eram analfabetos. Está perfeitamente estabelecido, através de estudos feitos em pesquisas de Cartórios, que os lendários irmãos Machado, dos quais aparece apenas um, Antônio Manoel de Siqueira, não foram os primeiros povoadores do município. Embora possam ser considerados pioneiros, quando aqui chegaram, já havia na região, a família de José Antônio Dias de Oliveira, proprietária de imensa gleba, que em ocasião oportuna, publicaremos as dimensões, através de divisas registradas em Cartório.

A zona ocupada pelos Machado, ou mais propriamente, pela família de Antônio Manoel de Siqueira, era do córrego São João para baixo, na direção norte da cidade. Foi também um dos pioneiros, com sua família, mas quando aqui chegou, já encontrou radicada na região, a família do guarda-mor José Antônio Dias de Oliveira. Quando nos acostumamos a assimilar certos fatos, através de uma História repetida durante quase um século, é natural que nos rebelemos a aceitá-los, de uma hora para outra, contados de forma diferente, com o apareci-

17. Cartórios do 1.º e 2.º Ofícios de São João da Boa Vista.

encontrado ainda, um despacho eclesiástico, com a assinatura do Padre Ramalho, nem o registro de uma proposição ou projeto de Lei, que visasse o benefício dos eleitores de Padre Ramalho. Dizemos eleitores e não fiéis, pois o sacerdote não aparece à frente de nenhuma paróquia. Pode ser que em futuras pesquisas o encontrem em documentos que revelem sua atuação como religioso ou como político que fez carreira atingindo o posto de Senador do Império, cargo para o qual foi indicado, mas que não pôde exercer por ter falecido.

Quando os agregados do guarda-mor José Antônio Dias de Oliveira "querem formar vila", e o Curador da viúva do guarda-mor e dos órfãos, alferes Joaquim Gonçalves Valim, submete a questão à Justiça, em Moji-Guaçu, Padre Ramalho ainda não aparece. Quando formado o povoado, já com a ambição da família proprietária das terras, os moradores pedem que a capelinha fosse curada às autoridades eclesiásticas de São Paulo (Bispo D. Manuel Joaquim Gonçalves de Andrade), ele ainda não se apresenta aos moradores do povoado. Quem celebrou a primeira missa no altar portátil da Capelinha, erguida onde é hoje o bairro do Rosário, foi o Padre Mathens José Leite, de Moji-Guaçu. Os outros padres, de Caldas e de Casa Branca, cedendo seus direitos sobre terras que iriam formar o patrimônio da nova paróquia, confessam ignorar tudo sobre os povos "desses sertões". Sendo o recenseamento dos novos moradores, uma atividade obrigatória *anual*, das Companhias de Ordenanças, com sede em Moji-Mirim, é óbvio concluir que o Padre Ramalho só aparece na Freguesia, depois que o Padre Joaquim Feliciano de Amorim Sigar estava ministrando os sacramentos, desde 1838. Um grupo de moradores, residindo com o seu pároco, nas proximidades da Capelinha, edificada perto do córrego São João.

Em 1842 estoura em São Paulo a Revolução Liberal, chefiada por Rafael Tobias de Aguiar. Minas aderiu. Padre Ramalho ficou do lado do governo, organizou um batalhão e comandou-o, contra o movimento popular. Coloca-se, quando a Revolução foi sufocada, no ápice do prestígio junto ao governo imperial. Ora, a Revolução Liberal foi deflagrada em 1842.

A Primeira Assembléia Paroquial de São João da Boa Vista, foi também realizada em 1842.

A Revolução estourara em princípio de maio e foi dominada por Caxias, logo em seguida, com a tomada de Sorocaba,

do Jaguari", onde se localizava sua propriedade "Campo Triste", em meados do ano de 1821. O guarda-mor votou em 20 de maio, em Campanha, e veio para o seu latifúndio, comprado a herdeiros de José Dutra, em 1817.

Damos por encerrado este trabalho, feito com amor e interesse em cinco anos, para deixar à nossa Terra Natal a contribuição de sua História e da descendência de seus legítimos fundadores, o guarda-mor José Antônio Dias de Oliveira e sua esposa, D. Ana Maria Franco de Oliveira.

ANEXO 14

JONATHAS MATTOS JUNIOR

A
Catedral de
São João da Boa Vista
História

apenas esclarecido que existiram demonstrações concretas da sua narração. Os pilares do seu trabalho, pode-se concluir, ficaram sendo as tradições orais, rebuscadas, com zelo e lucidez que lhe eram próprios, no seio da população citadina e rural, além do depoimento escrito de um dos habitantes, como citado. Evidentemente, as informações veiculadas verbalmente através dos anos demandaram trabalho de depuração, destinado a desimpregnar o que a simples lenda havia infundido na tradição.

Conta a exposição do primeiro historiador, a seguir, que ao local afluiam constantemente novos interessados em se estabelecer e trabalhar, até que, por volta de 1822, ali arrancharam três mineiros de Itajubá, que se apossaram de razoáveis áreas de chão, na confluência do córrego São João - nome por eles atribuído ao riacho, por ali terem aportado na véspera do dia de São João Batista - com o rio Jaguari Mirim. Um deles, de nome Antônio Manoel de Oliveira, mais conhecido como Antônio Machado, ocupou o espaço que ficava à direita do Jaguari e do rio da Prata, até o rio Claro; os demais, seus cunhados, Ignacio e Francisco Cândido, se apossaram, aquele, das terras da margem oposta do Jaguari, e este último, das banhadas pelo ribeirão da Cachoeira. Dois anos após, já relacionado com o Padre João Ramalho, Antônio Machado manifestou-lhe o propósito de construir uma capela em cumprimento de promessa que, com a esposa, tinha feito a Santo Antônio, e estava disposto a doar área de terreno para constituir patrimônio do lugar. Padre Ramalho, devoto de São João Batista, propenso a glorificar o nome do Santo em todos os empreendimentos, tal como fez com sua fazenda "Pinheiros", que passou a se chamar "São João dos Pinheiros", dissuadiu o doador de tomar Santo Antônio por padroeiro e prontificou-se a promover a ereção da capela, desde que com o orago de São João. E foi assim que, entre 1831 e 1832, surgiu a Igreja de São João Batista, no lugar em que se acha hoje a Catedral sanjoanense.

Prosseguiu a vida no lugarejo, para ele mudando-se muitas famílias influenciadas por João Ramalho, que orientava a tudo e a todos, como líder que se tornou pelo temperamento e pelo respeito que infundia. Homem ativo, inteligente, experiente como político e proprietário de muitos bens, teria necessariamente de assumir a posição de conselheiro e coordenador das iniciativas que tivesse por fim a organização da vida na já Capela de São João da Boa Vista.

Conta Teófilo de Andrade, o segundo investigador da História de São João, que estendendo-se as fazendas, logo adquiriu corpo a produção de cana de açúcar e fumo, expandida depois para algodão, cereais, batata, criação de gado vacum e suino. Por último, chegou o café. Nas propriedades do Padre João



Foto: Arquiteta Adriana Heloisa Ferreira Carbonara - 13/06/1998 .

7º MOMENTO - FAMÍLIAS PIONEIRAS

Por volta de 1792, se instalaram na região de Cascata o Sr. Capitão Mor Antonio Rabelo e familiares.

No ano de 1799, o Sr. José Dutra é mencionado como proprietário de Fazenda na região, pelo governo de Minas Gerais. Essa fazenda depois foi denominada Campo Triste.

"Antonio Modesto de Freitas, Matheus Ferreira Martins, José Maria Barbosa, José Nicacio de Lima, João e Silvério de Freitas, o pirangueiro Rocha, Romualdo, João Caboclo, João Godinho, José Nóbrega das Neves, Pedro e Inácio Cândido, Antonio José, pessoas estas de quem há notícias confirmadas por documentos positivos pelos quais se prova que eram aqui moradores já pelos anos de 1805."

Em 1806 o Dr. Antonio Martiniano de Oliveira se instalou na região do Ribeirão do Paraíso, no Vale do Rio Jaguari-Mirim.

No ano de 1817, os herdeiros de José Dutra venderam a Fazenda Campo Triste para o Sr. José Antonio Dias de Oliveira, que veio de Minas com a família, para onde se muda em 1821, sendo recenseado em 1822. Observação: a antiga sede da Campo Triste ficava a 10 km de onde surgiria a cidade de São João da Boa Vista.

"Em 1822 já havia muita gente e muitos terrenos cultivados. É neste ano que se dá a chegada dos Machados nestas paragens; e como se vê já encontraram muitos moradores." (Antonio Gomes Martins. O município de São João da Boa Vista de 1910) afirmativa de José Pinheiro Uchoa, pág. 5.

"Entre 1822/1824, chegam de Minas Antonio Manoel de Siqueira Machado e sua esposa Dona Mariana Maria de Jesus e se instalaram na região. Em cumprimento de um voto que fizeram a Santo Antônio, doaram um terreno para o patrimônio da futura povoação, dando origem à atual cidade." (João Pires de Aguiar – O município de São João da Boa Vista de 1910).

Assim outros pioneiros foram chegando e construindo suas casas nas margens dos caminhos, nas imediações do Córrego Verde (depois denominado São João) até o Rio Jaguari-Mirim.

Famílias importantes foram construindo suas fazendas na região, como os: Borges de Carvalho, Rocha, Tavares, Valim, etc.

*Alemães, Suecos,
Dinamarqueses e Austríacos
em São João da Boa Vista*



Jaime Splettstoser Junior

GC
Graph Company Editora

Breve história da cidade

Antonio Carlos Rodrigues Lorette¹¹

São João da Boa Vista se originou às margens de uma das ramificações da Estrada de "Goyases", que ligava Mogi Mirim e o Registro de São Matheus (atual Caconde). O local era conhecido no século XVIII como área proibida, "do Secretário", vedada aos primeiros povoadores, a fim de bloquear o contrabando de ouro do sul de Minas.

O ouro não mais existia, as pastagens estéreis do campos de Caldas entravam em decadência e os lavradores mineiros invadiram as matas do lado paulista, apossando-se de seu solo fértil, apropriado à cultura fixa.

A estrada chamada "Guayases" vinha de Mogi-Mirim, entrava em São João pela atual avenida João Osório, acompanhava o espião da avenida Dona Gertrudes, descia pela rua Hugo Sarmento, passava pelo antigo bairro Cubatão, atravessava o córrego São João e subia pela rua General Osório, em direção ao Bairro Alegre.

As margens do córrego foi se formando um arraial de pequenos agricultores, partindo do Cubatão em direção ao bairro do Rosário, através de uma ramificação da estrada de "Guayases", hoje formada pelas ruas Riachuelo e Aristides Lobo.

Em 1824, Antonio Manoel Siqueira, mais conhecido como Antonio Machado, e sua esposa, em cumprimento de um voto que fizeram a Santo Antonio, doaram uma gleba de suas terras para patrimônio da futura povoação. Os irmãos "Machado" eram proprietários, na época, das terras às margens do Córrego São João, descendo no sentido norte da cidade.

Segundo a tradição, a capela foi construída de madeira e barro, coberta de sapé, na confluência das ruas Aristides Lobo com a rua General Carneiro, antiga rua Santa Cruz. Aliás, esta foi a primeira rua alinhada do povoado.

Os moradores da "Capela", já com o nome de São João da Boa Vista, requeceram a sagrada da capelinha do arraial, em 1832. Justificaram o pedido, alegando a grande distância de nove léguas, existente entre o arraial e a Matriz de Mogi-Mirim. Citaram, também, que a região já contava com mais de 60 fogos (casas).

Mais importante que essas justificativas era o reconhecimento da comunidade através da Igreja Oficial. Como a Igreja estava ligada ao Estado, a Freguesia teria automaticamente o reconhecimento por parte do poder temporal.

¹¹ Este texto baseia-se em diversos autores, historiadores e cronistas, como Antonio Gomes Martins, Carlos Kiellander, Manços de Andrade, Theophilo Ribeiro de Andrade, José Osório de Oliveira Azevedo, Matildes Rezende Lopes Salomão, Maria Leonor Alvarez Silva e Reynaldo de Oliveira Pimenta, destacando-se também as preciosas informações dos almanaque da Província e do Estado de São Paulo, dos jornais *Cidade de São João* e *O Município*, e dos levantamentos do Club da Lavoura para a Exposição Nacional de 1908.

Monsenhor João José Vieira Ramalho, Vigário de Vara na época, teve grande participação para a implantação da Freguesia, orientando o vigário local, Joaquim Feliciano de Amorim Sigar, na construção da igreja, na divisão e distribuição das datas do patrimônio religioso, e incentivando a migração de lavradores mineiros e paulistas a comprar terras e formar fazendas.

Por tradição, foi ele quem propôs a mudança do orago, de Santo Antônio para São João Batista, e a transferência do local para a construção da sede paroquial, no espinho do lado esquerdo do córrego, usufruindo das famosas "boas vistas" da Serra da Mantiqueira.

Mas a última decisão de mudança não foi tão pacífica, havendo protestos dos moradores do núcleo original. Afinal, muitos construíram suas casas em torno da capelinha, contando que esta se conservaria como o centro mais importante da futura Freguesia.

É importante observar, que a escolha do novo terreno seguia as exigências da *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* (1707), a qual determinava que "havendo-se de edificar de novo alguma Igreja paroquial em nosso Arcebispado, se edifique em sítio alto, e lugar decente, livre de qualquer umidade, e desviado, quando for possível, de lugares imundos, e sórdidos". Deveria, também, estar livre "de casas particulares, e de outras paradas, em distância que possam andar as procissões ao redor" (Const. 687).

Monsenhor Ramalho era grande proprietário de terras na região, além de ser um político militante. Veio a São João e incentivou o seu desenvolvimento, a fim de transformar a freguesia em seu mais forte colégio eleitoral.

A igreja foi construída a partir de 1848, em taipa rebocada e caiada, coberta de telhas, tendo ajuda financeira do governo provincial, conseguida pelo próprio Monsenhor. Sua inauguração deu-se em 26 de junho de 1853, dois dias após a data de seu padroeiro. Monsenhor Ramalho faleceu em meio a esta cerimônia, que ele próprio celebrava.

Além da árdua tarefa da Fábrica da Igreja em dividir e conceder datas de seu patrimônio, alguns melhoramentos urbanos foram realizados no tempo da Freguesia, como a construção e conservação dos caminhos, das ruas e do cemitério. Para o abastecimento de água, foi instalado um chafariz no centro do Largo da Matriz.

A Freguesia de São João desenvolveu-se rapidamente e foi elevada à categoria de Vila pela Lei Provincial nº 12, de 24 de março de 1859. Os primeiros vereadores praticavam atos simples de administração, condizente com o pequeno recurso financeiro da Câmara. Havia pouca esperança de obter recursos do centro da Província de São Paulo, já que a municipalidade de São João era uma das mais recentes e a receita da Província era escassa.

Em 1864, a povoação contava apenas com nove ruas e duas praças: Rua Direita, Rua das Flores, Rua de Santo Antônio, Rua do Comércio, Rua da Cadeia, Rua de Santa Cruz Velha, Rua de Santa Cruz Nova, Rua da Prata, Rua do Ribeirão, Praça da Matriz e Praça Pequena. São João era um lugarejo acanhado, com ruas esburacadas e barrentas, raros prédios assobradados, com seus quintais cercados por taipas e tábua.



obtendo alvará de ereção em 25 de abril de 1832, com a bênção em 1º de agosto, tendo sido nomeado, em 1º de outubro, o Padre Joaquim Feliciano de Andrade Sigar para primeiro cura. Cinco anos depois já estava transformada em Paróquia, sendo nomeado Vigário o mesmo Padre Sigar.

Em 1838, ainda devido aos esforços de João Ramalho, por lei provincial de fevereiro daquele ano, a população foi elevada à categoria de freguesia. Promoveu, ele, depois, em 1848, a construção de uma nova igreja, a qual foi reconstruída em 1890.

Segundo o Dr. Theophilo de Andrade: "Não somente fundou o povoado, traçando o plano, com os quarteirões, ruas e largos bem alinhados, com a simetria de um técnico, como também modelando-o para a sua expansão e inculcando no espírito de seus primeiros moradores os sentimentos do bem, da ordem e da virtude para a formação moral da cidade. Os seus ensinamentos técnicos e os seus exemplos serviram de roteiro seguro para os seus seguidores, tanto na parte material como nos costumes".

Padre João Ramalho, além da fazenda Pinheiros, adquiriu também no município as de São Pedro e Glória, esta abrangendo a Capitava, também comprando casas no local, onde cuidou da igreja e da instrução, ainda sem professores públicos.

Devido a seu exemplo e de outros, a lavoura rapidamente progrediu para a policultura, com plantação de café, algodão, cana-de-açúcar, batata, mandioca, milho, feijão, amônia e outros cereais, instalando engenhos em duas de suas fazendas. Desenvolveu, ainda, a criação de gado bovino e suíno, ainda que em pequena escala, para consumo e exportação, e promoveu o primeiro abastecimento de água para a cidade, trazida até o centro no Largo da Matriz.

Residindo em Mogi Mirim quando ocorreu a Revolução Liberal, em 1842, chefiada por Tibúrcio Barreto, manteve à sua custa numeroso corpo de armas, impedindo que a rebelião surgisse em outros lugares da Província, colocando-se ele próprio à frente das forças.

Foi um político de grande influência no meio em que viveu, participando da Assembleia Legislativa de São Paulo, na quinta (1844-1845) e nona legislatura (1852-1853), como deputado, e na terceira (1840-1841) e sétima legislatura (1848-1849), como suplente.

No parlamento paulista fez parte da Comissão Eclesiástica, em que se assinava sempre Vieira Ramalho, sendo de sua iniciativa um projeto em que se criada uma cadeira de primeiras letras para o sexo masculino em São João da Boa Vista, transformado em Lei número 255, de 22 de fevereiro de 1844.

Por sua destacada atuação, Padre João Ramalho recebeu diversos títulos e homenagens, destacando-se o de Monsenhor Honorário da Capela Imperial da Imperial Ordem do Cruzeiro e Cavaleiro da Ordem de Cristo.

No dia 19 de abril de 1852, foi nomeado por Dom Pedro II para o cargo de senador do Império, como representante da então Província de São Paulo. Entanto, não chegou a sentar-se na sua cadeira, por motivo de falecimento. Deveria ter preenchido a vaga aberta o Desembargador Francisco José de Lima, tendo sido declarado impedido, foi substituído, de agosto de 1853 até o fim da sessão desse ano, por Martin Ribeiro de Andrade.

O Monsenhor João José Vieira Ramalho faleceu no domingo, dia 26 de junho de 1853, aos 63 anos de idade, quando celebrava a missa na Igreja Matriz São João da Boa Vista, que ele ajudou a construir, deixando a todos os presentes chocados com a cena. Conforme consta do Livro de óbitos da Igreja Matriz, a responsabilidade do Padre Sigar: "Nos vinte sete dias de junho de mil oitocentos e cinquenta e três sepultou-se nesta Matriz o cadáver do Excelentíssimo Conselheiro e Monsenhor João José Vieira Ramalho, de idade sessenta e seis anos, mais ou menos. Faleceu de inflamação, sendo encorregado com todos os Sacramentos, da Penitência, Eucaristia e Extrema-Unção. Seu corpo foi envolto em suas vestes de Monsenhor e solememente recomendado". Foi sepultado no direito da Igreja Matriz onde foi colocada uma lápide destacando, além de suas atividades, o fato de ter sido o "Creador D'Esta Localidade".

O poder público, como forma de reconhecimento, atribuiu o nome do Monsenhor João José Vieira Ramalho a uma praça da região central da cidade. Alguns anos depois foi construído o Mercado Municipal, depois terminal urbano, bem como a uma rua localizada na Vila Brasil.

ANEXO 18

Fundação de São João da Boa Vista

Uma cidade procura sua origem

João Baptista Scannapieco

não o do povoado, que vai receber o nome de Santo Antônio do Jaguari!

Seguindo a narração dos primeiros historiadores, encontramos que Antônio Machado tomou posse dos terrenos banhados pelo Ribeirão Prata e da margem direita do Jaguari-Mirim até o rio Claro. Descrevem também que ele fez sua morada à margem direita do Prata. Ignácio Cândido apossou-se das terras da margem esquerda do Jaguari-Mirim, onde fez morada em uma chácara, chamada de Ponte do Jaguari. Francisco Cândido apossou-se dos terrenos regados pelo Ribeirão da Cachoeira.

A parte principal e central é a narração que se segue: - “Em 1824, Antônio Machado e sua mulher D. Mariana Maria de Jesus, em cumprimento de um voto, que fizeram a Santo Antônio, doaram um terreno para patrimônio da futura povoação, dando assim origem à atual cidade.” Antônio Gomes Martins – O Município de São João da Boa Vista – 1910 – páginas 02.

Mais um trecho desta primitiva narração histórica: - “Mais tarde, vindo a este lugar Monsenhor João José Viera Ramalho, que, então, residia na sua fazenda de Pinheiros, hoje Três Fazendas, prometeu aos moradores obter a criação de uma capela no povoado, sendo, porém, S. João Batista o respectivo orago, o que acedo Machado. Este sacerdote, continua a tradição, foi o primeiro que celebrou missas no lugar, vindo de sua fazenda, todos os domingos, até que foi

nomeado cura da capela o padre Joaquim Sigar. Padre Ramalho mudou sua residência para o povoação, onde fez construir alguns prédios e montou diversas fazendas. A seu convite migraram para este lugar muitos lavradores mineiros, abastados, que compravam terras e formavam fazendas. A princípio, construíram uma pequena capela, que serviu por alguns anos. De 1848 a 1850, Monsenhor Ramalho, com o auxílio dos mais fazendeiros, fez construir a igreja matriz.”

Infelizmente, Gomes Martins nada escreveu sobre a primeira capela, tosca e improvisada, nem de seu orago: Santo Antônio. Também não foi mencionado o primeiro nome do Povoado: Santo Antônio do Jaguari. O que me chamou a atenção foi a citação de que o Padre Ramalho mudou sua residência para o povoado. Concluímos que o povoado já existia, faltou citar seu nome (Santo Antônio do Jaguari).

Gomes Martins chama Monsenhor Ramalho de “benemérito” e termina seu texto escrevendo:- “Esta é a tradição mais conhecida sobre a fundação de São João da Boa Vista”.

A seguir, o autor passa a historiar as pesquisas de José Pinheiro de Ulhoa. Este personagem aparece na história de São João da Boa Vista, citado por Theophilo de Andrade, em 1891, como participante da Câmara de Vereadores.

A parte maior de seu relato se refere às Sesmarias, com o nome de seus proprietários e uma localização precisa. Não vou divagar, no momento, por estas preciosas informações, para não desviar do objetivo proposto nesta obra:- Fundação de São João da Boa Vista.

Até o ano de 1976, a data considerada como a da fundação da cidade era 1824 e daí contavam-se quantos anos São João da Boa Vista possuía!

Conclusão:- Por estes relatos, temos os seguintes fatos:

- 1- Declaração de Gomes Martins sobre a falta de documentação.
- 2- A fundação “deste lugar” é atribuída aos Machado.
- 3- As terras, onde os Machado chegaram, ficavam nas “áreas do secretário”- terras proibidas para penetração.
- 4- Antônio Machado e seus cunhados ignoraram a proibição e aqui se fixaram, entre 1822 e 1823.
- 5- Vieram de Itajubá, Minas Gerais.
- 6- Fixaram-se na confluência do córrego São João com o rio Jaguari - Mirim.
- 7- A chegada dos Machados foi na véspera do dia de São João Batista. Vem daí o nome do Córrego.
- 8- A doação do terreno para o patrimônio foi realizada por Antônio Machado e sua mulher, Dona Mariana Maria de Jesus, em 1824.

São João da Boa Vista

Subsídios Históricos
e Genealógicos

Jaime Splettstoser Junior

DUTRA

A primeira referência é de 1798, quando a família de José Dutra é recenseada pelas patrulhas de Mogi Guaçú. Em 1817 a viúva e filhos vendem a Fazenda Campo Triste ao Guarda-Mor Antônio Dias de Oliveira casado com Ana Maria Franco de Oliveira. Foi num rancho desta fazenda que o sábio naturalista francês Auguste de Saint Hillaire pernoitou em 1819, quando percorria a Estrada de Goiás, em direção a São Paulo.

JOSÉ DUTRA, natural de Barbacena, filho de José Dutra (natural da Ilha do Pico, Açores) e Maria Francisca, casado em 13 de fevereiro de 1774, no Turvo, Aiuroca, Minas Gerais, com **TEREZA JOAQUINA DE JESUS MARTINS**, nascida por volta de 1747, em Nossa Senhora da Assunção do Engenho do Mato, Minas Gerais, falecida em 10/2/1817, sendo seu óbito registrado em Mogi Guaçú pelo vigário interino Mateus José Leite. Era filha de Manuel Álvares Martins e Luzia Francisca Martins

Filhos:

2.1) **Maria Tereza de Jesus Dutra** casada com **Silvestre Antônio da Rosa**, nascido na ilha do Faial,

Açores.

Filhos:

- 3.1) Agostinha, nascida em 1800
- 3.2) Ana, nascida em 1802
- 3.3) Benancia, nascida em 1804
- 3.4) Teresa, nascida em 1810
- 3.5) Silvestre, nascido em 1811
- 3.6) Manoel, nascido em 1813
- 3.7) Pedro, nascido em 1814
- 3.8) João, nascido em 1818

2.2) **Ana Joaquina de Jesus Dutra** casada em primeiras núpcias com **Diogo Gonçalves Correa**, falecido em 14 de julho de 1808, filho do padre Manuel Gonçalves Correa e Ana Rosa da Purificação (segundo Guimarães, As três Ilhoas, p. 1089).

2.2) **Ana Joaquina de Jesus Dutra** casada, em segundas núpcias, em Ouro Fino, MG, em 2/6/1809, com **Antônio José do Nascimento**.

Filhos: O casal teve sete filhos, descritos em Guimarães, As Três Ilhoas, p. 1089 a 1091.

2.3) **Jacinta Maria de Jesus Dutra** nascida casada com **Tristão de Souza Castro**.

Filhos:

- 3.1) Ana nascida em 1811
- 3.2) João nascido em 1814
- 3.3) Inácio nascido em 1815

2.4) **Tomé Jacinto Dutra** casado em primeiras núpcias com **Joaquina Maria de Jesus**.

Filhos:

3.1) Maria Joaquina Dutra casada com Antônio José de Miranda, filho de José Antônio de Miranda e Ana Maria de Jesus

Filhos:

4.1) Joaquim (SJBV, 15/12/1883 -)

4.2) Euclides Clara de Miranda (SJBV, c. 1883 -), casada em Agual, SP, em 28/6/1902, com Horácio Martins Parreira (Mogi Guaçú, SP, 1881 -), filho de Manoel Martins Parreira e Emilia Cândida da Silva.

3.2) Margarida Cândida de Jesus Dutra (c. 1816 - SJBV, 10/7/1856), casada com João Gonçalves Valim (c. 1816 - SJBV, 17/10/1888), filho de Joaquim Gonçalves Valim e Ana Teodora de Souza (ver Valim).

"Aos dez de Julho de mil oito centos e cincuenta e seis nesta Matriz de São João da Boa Vista, sepultou-se o cadáver de Margarida Cândida, mulher de João Gonçalves Valim tendo de idade quarenta annos, seu corpo foi involto em habito preto e sua alma foi por mim recommendeda. Vigário Joze Valeriano de Souza".

*de idade quarenta annos, seu corpo foi involto em habito preto e sua alma foi por mim
recommendada. Vigário Joze Valeriano de Souza".*

- 3.3) Tomé Jacinto Dutra casado com Emilia Cândida da Silva.

Filhos:

- 4.1) Maria Cândida do Nascimento Dutra casada em São João da Boa Vista, em 10/2/1871, com Antônio Teodoro dos Reis, filho de Francisco José dos Reis Ana Luiza Valim (ver Valim).

- 4.2) Tomé Jacinto Dutra Junior (M. Guaçú, SP, c. 1870 – Aguai, SP, 7/8/1907), casado em 1893 com Maria Jesuina de Jesus (ou Eufrosina), filha de José Antônio dos Reis e Francisca Delfina Valim.

Filhos:

- 5.1) Emilia da Silva Dutra (Aguai, SP, 1896 -) casada em Aguai, SP, em 28/11/1912, com Joaquim Germano Martins, filho de Germano Francisco Martins e Olímpia Cândida Valim

- 5.2) Emilia da Silva Dutra (SJBV, 2/7/1894 – Aguai, SP, 23/3/1979), casada em Aguai, em 20/6/1929, com José Pinto.

Filhos:

- 6.1) João Batista Dutra (Aguai, SP, 8/9/1935 -)

- 6.2) Rita de Cássia Pinto casada com Manoel de Gusmão Bastos.

Filhos:

- 7.1) Rita Maria Pinto Bastos (Aguai, SP, 9/5/1966 -)

- 6.3) Aparecida Pinto de Souza casada com João Batista de Souza.

Filhos:

- 7.1) Marina Benedita Pinto de Souza (Aguai, SP, 29/10/1956 -)

- 5.3) José da Silva Dutra (Aguai, SP, 15/2/1902 – SJBV, 28/1981), comerciante, casado com Placídia Costa Guimarães, filha de Miguel Costa Guimarães e Maria da Silva Reis.

Filhos:

- 6.1) José da Silva Dutra Filho (Aguai, SP, 17/5/1941 -)

- 5.4) Antônio da Silva Dutra

- 4.3) Antônio Silva Dutra (Aguai, SP, 1876 - Aguai, SP, 14/8/1929), dentista.

- 4.4) Cecília da Silva Dutra (Mogi Guaçú, SP, 1860 – Aguai, SP, 13/3/1915), casada com José Carlos Arantes.

Filhos:

- 5.1) Antônio

- 5.2) Benedito

- 5.3) Maria

- 4.5) João da Silva Dutra (M. Guaçú, SP, 1861 – Aguai, SP, 18/8/1917) casado com Clara Carolina dos Reis.

- 3.4) Manoel

- 3.5) José

- 3.6) Maria

- 2.5) José Dutra Amaral batizado em Ouro Fino, MG, em 18/3/1791, casado com Maria Antônia.

- 2.6) Beraldo Dutra, nascido em Ouro Fino, MG, por volta de 1797. recenseado em 1822 pelas patrulhas de Mogi Guaçú. Casado com Ana Leme.

Filhos:

- 3.1) Tristão nascido em 1819.

- 3.2) Teresa, nascida em 1820, segundo o censo de 1826.

Anexo 20

Recenseamento de 1798

Nº 97 José Dutra

Mapa Geral dos Habitantes que existem na Parochia
de N. Sra. do Rosario de Muzignano de que ho comandante de Alfaz
Manel da Costa Maldonado o anno de 1798 En que via de
claras suas oculos Engrigot e Genaro que cito deu. En que
Nigocios

97	SoeGulta	44	
	Perosa	142	300
	<u>Perosa</u>		
	Tomé	16	
	Vore	7	
	Tarinta	3	
	Soeio	30	
	<u>Soeio</u>		
	Preto	30	
	<u>Preto</u>		
	Uu	30	
	<u>Uu</u>		
			Plantasi Sugata

Recenseamento de 1799

Nº 284 José Dutra

Mapa Geral dos Municípios que entrem na Província
do S. José da Beira e das Higienópolis de que fazem parte
e os Pólos e Municípios da Costa Malabarca e as Ilhas que
são declaradas suas Capacitas empregos, igrejas e
que cultavão em que e nos quais

ANEXO 21

— 461 —

com as de Minas he o que de prezente tenho que por na
prezença de Vosa Ex. que Deos Guarde. Coartel de S. Ma-
theus 30 de Março de 1807.—*Jeronymo Dias Ribeiro.*

z—Do CAPITÃO MÓR DE MOGY-MIRIM, 1807.

Ilmo. e Exmo. Sur. Antonio José da Franca e Horta.
—Meu Senhor 5.^a feira que se contarão 25 do Corrente
cheguei ao lugar donde se achava o Cadette com tres Solda-
dos, e dezoito Homens no Barranco de Jagoary merim donde
tinhão feito dous lansos de Caza, e mais hum separado e
tinhão passado o Rio com huma estrada com a coal vinhão
sahir a fazenda do defuncto José Dutra distante do Arrayal
de Mogi Guassu Sette Legoa. Perguntei ao Cadette por que
razão tinhão deixado o seu Coartel, e entrado pellas Terras
desta Capital? ao que me respondeu que o ses com ordem do
sseo Comandante o Capitam Brandam, e que hera para fazer
Rezisto, e evitar extravios, ao que lhe respondi que tudo
pudia Ser porem que era pressizo Concessam de V. Ex.^a e
sem esperar mais, lhe mandei arazar tudo, e atrancar os Ca-
minhos, e os fis Conduzir para o seo antigo Coartel e deixei
humha Guarda de pagos defronte ao Coartel do dito Cadette
nos Lemittes desta Capital.

Não sei o que resultara mais pois he grande empenho
no dito Capitam Brandam e o dito Cadette em querer sse
introduzir nas terras deste distrito sem Ordem Regia nem
ao menos do Ilmo. e Exmo. Governo daquelle Capittal.

Deos Guarde a V. Ex^a. por muitos annos. Mogi merim,
28 de Abril de 1807. De V. Ex^a. O mais obediente Subdito.
—*José dos Santos Crus.*

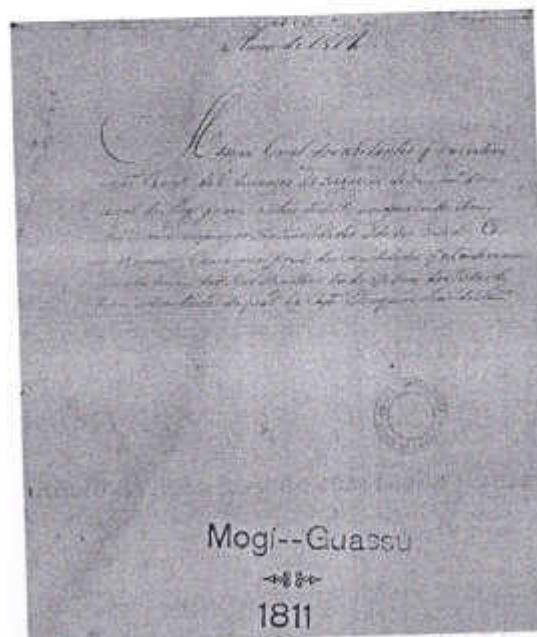
z—Do INSPECTOR DAS GUARDAS DA VILLA DA CAMPANHA, 1807.

Ilmo. Senhor Coronel José Joaquim da Costa Gacião.
—Por me achar encarregado da Inspeccão sobre as Guardas,
Registros e Contages, que guarnecem esta Villa da Campanha

ANEXO 22

Recenseamento de 1811

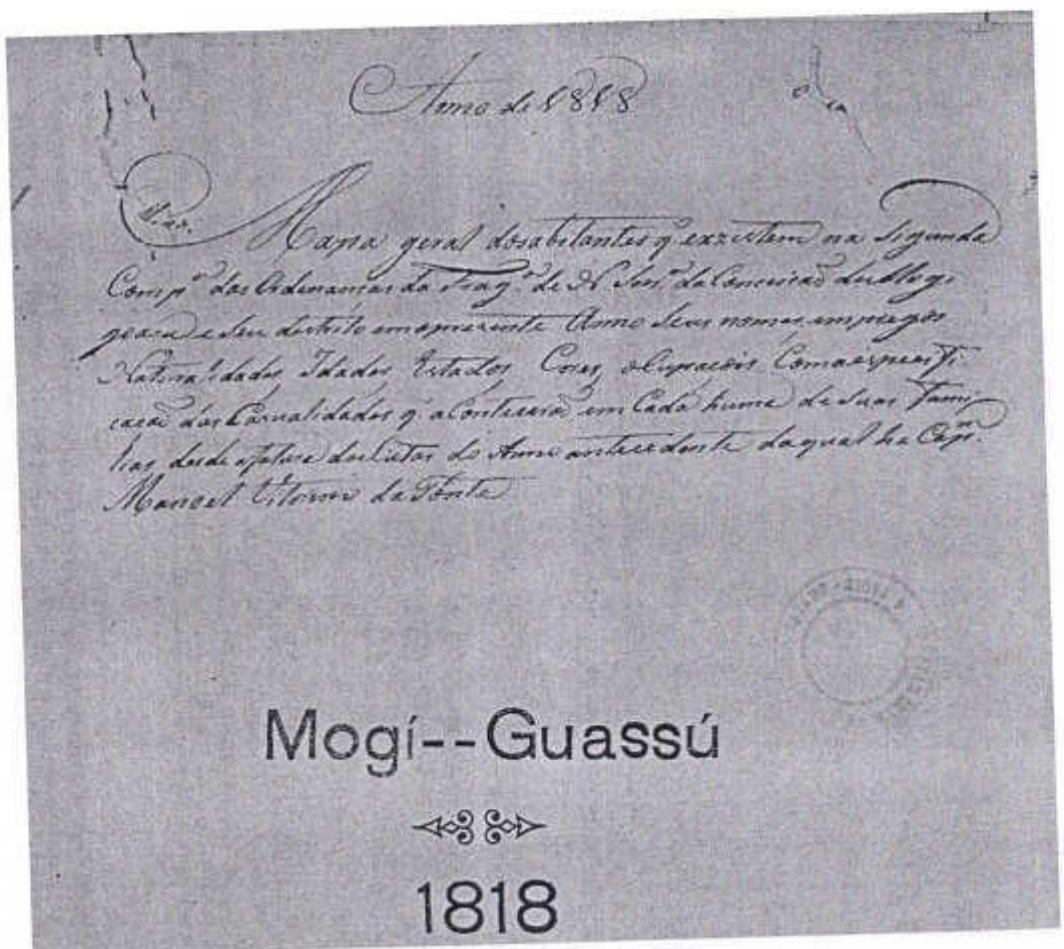
Nº 259 Silvestre Antônio da Rosa (casado com Maria Tereza Dutra, filha de José Dutra)



ANEXO 23

Recenseamento de 1818

Nº 28 Tomé Jacinto Dutra (filho de José Dutra)



	Tomé Jacinto Dutra	28	C	A	Obre de sua Ladeira das Ademarias	
28	anctimo				que abrange	
	Maria Joaquina	10	27	C	20 Reis	2.240,00
	Manoel	22	40	✓	8200 Guassú	52.800,00
	João		5	✓		27240,00
	Ismael		8	✓		
	Luisa		48	✓		
	Manoel		6	✓		
	Margarida		2	✓		
	João Gangotra	10	22	✓		
	Ismael		20	✓		
	Maria		48	✓		

Vobado Meliano

ANEXO 24

Recenseamento de 1820

Nº 275 Guarda-Mor José Antonio Dias de Oliveira

Anno de 1820

Mapa geral dos habitantes que existem na 2^ª Compr. das Bodes
mangos, situado de N. Sra. da Conceição de Mogi das Cruzes em que se vê:
os seus nomes, emprego, Naturalidade, Idade, títulos, Comunhão,
cujas classes e qualificações das Causas da vida que a constituem em cada huma
delinear Família de cada natureza da lista de Anos antecedentes de
qual he Cax. Manuel Otávio da Fonseca

Guarda-Mor José Antonio Dias de Oliveira				Vila de São Lourenço
Nome	Emprego	Idade	Sexo	
Antônio Maria Francisco	Mangote	56	C	83
Gabriel	---	46	C	83
Franco	---	44	C	83
João	---	3	C	83
João	---	6	C	83
Joaquim	---	4	C	83
Isaac	---	20	C	83
Maria	---	34	C	83
Isidro	---	3	C	83
Isidro	Mangote	40	C	83
Dominguo	Congo	20	C	83
Luis	Congo	49	C	83
Joaquim	Mangote	48	C	83
João	Congo	48	C	83
João	Congo	48	C	83
Joaquim Macanhege	---	47	C	83
Isidro	Criado	47	C	83
Catharina	Congo	56	C	83
João Cacanga	---	46	C	83
Florentina	Criada	45	C	83
Florinda	Criada	44	C	83
Franca	Criada	3	C	83
Isidro	Criado	2	C	83

Recenseamento de 1820

Nº 385 José Dutra do Amaral (filho de José Dutra)

	in Dutra do Amaro D. de Ouro			
385	trios	20	C	00
	Maria Antonia 16	23	C	00
	escravos			
	Joao Domingos	60	I	00

Nº 362 Silvestre Antonio da Rosa (casado com Maria Tereza Dutra, filha de José Dutra)

	in Dutra do Amaro D. de Ouro				
362	da Igreja do Rosario	56	C	00	
	da Igreja do Rosario	58	C	00	
	Maria Anna 16	7	I	00	
	escravos	9	I	00	
	Manoel	7	I	00	
	Joao	6	I	00	
	Agostinho	2	I	00	
	Isaia	20	C	00	
	Bonaventura	88	I	00	
	Anna	86	I	00	
	escravos	30	I	00	
	Joao	Conga	20	C	00
	Manoel	Conde	8	I	00
	Isaia	Conde	7	I	00
	Joao	Conde	6	I	00
	Castane	Conde	4	I	00
	Anna	Conde	30	I	00
	Maria	Conde	30	C	00
	Anna	Conde	23	I	00
	Isaia	Conde	88	I	00
	Maria	Conde	82	I	00
	Antonio	Conde	2	I	00

Mogi-Guassú
1820



Recenseamento de 1820

Nº 386 Tristão de Souza Castro (casado com Jacinta Maria de Jesus, filha de José Dutra)

	Bretam de Sierra Castro & Roig 18 ^a	26	C 03	Vive la Santa Lázaro!
386	Santa María	22	C 03	
	Joao	5	✓ 03	
	Franc	4	✓ 03	
	Tomat	40	✓ 03	estraeros vive

	Salvador.			
	Conrad	30	✓ 27	
	Torri	Con	2	✓ 27